



VIII

ENCONTRO DE ARQUEOLOGIA
DO SUDOESTE PENINSULAR

ENCUENTRO DE ARQUEOLOGÍA
DEL SUROESTE PENINSULAR

Serpa//Aroche
24, 25 e 26 de outubro de 2014



FICHA TÉCNICA

ATAS DO VIII ENCONTRO DE ARQUEOLOGIA DO SUDOESTE PENINSULAR
Serpa-Aroche, 24, 25 e 26 de outubro de 2014

Edição: Câmara Municipal de Serpa

Coordenação Editorial: Samuel Melro - Susana Correia |DRCALEN|

Fotografias Encontro: Câmara Municipal de Serpa-Gabinete de Informação,
Comunicação e Imagem

Fotografias Palavras Prévias: José Baguinho - Susana Correia

Design e produção gráfica: 100 Luz / Weblime

Depósito Legal: 444410/18

ISBN: 978-989-8187-19-2

Tiragem: 1000 exemplares

1ª Edição | Serpa, 2018

A opção pela escrita seguindo ou não as regras do novo acordo ortográfico, nos artigos em português, é da responsabilidade dos seus autores.

O PRINCÍPIO DO NEOLÍTICO NO SUDOESTE PENINSULAR (PORTUGAL): uma leitura (breve) dos últimos 20 anos

Mariana Diniz

UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, Portugal.

m.diniz@fl.ul.pt

César Neves

FCT; UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, Portugal.

c.augustoneves@gmail.com

Resumo

Atendendo ao carácter comemorativo deste encontro, é objectivo deste texto apresentar uma panorâmica, necessariamente sintética, da investigação desenvolvida nos últimos 20 anos, acerca das primeiras fases do Neolítico no Sudoeste Peninsular.

Esta temática será abordada a partir de quatro linhas fundamentais: distribuição dos sítios e modelos de povoamento; datações absolutas e cronologia; registo arqueográfico e cultura material; modelos de transição e problemáticas culturais.

Abstract

Considering the commemorative nature of this meeting, the aim of this paper is to provide a summarized overview of the scientific research, developed in the past 20 years, about the early stages of the Neolithic in the Southwest of the Iberian Peninsula.

These themes will be approached from four main topics: settlement patterns and their geomorphological location; absolute date and chronology; archaeographic record and material culture; transition models and cultural issues.

0. Uma apresentação breve para um tópico já longo

A realização do VIII Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular, em Outubro de 2014, coincidindo com a comemoração dos 20 anos destes eventos, justificou, como é próprio das efemérides, balanços e sínteses da actividade arqueológica desenvolvida nas últimas duas décadas, na região em análise. Se a natureza dos Encontros regionais é, muitas vezes, a da apresentação, cronologicamente transversal, de dados de terreno, com frequência, ainda em fase de análise prévia, a coincidência da geografia destes Encontros com o território do regolfo e canais de rega da barragem do Alqueva deve justificar o crescimento significativo de número de comunicações apresentadas nas últimas edições, quando depois de um interregno largo se retomam, em 2006, estas reuniões.

Neste sentido, as medidas de minimização de impacto arqueológico decorrentes do empreendimento Alqueva transformam uma área, o lado português do Sudoeste (SW) peninsular – que para a Arqueologia nacional constituía já um dos territórios com mais antiga e intensa actividade de investigação - num espaço de efectiva concentração de intervenções de terreno, de equipas de arqueólogos e, em consequência, de multiplicação de sítios e de publicações.

No entanto, esta intensa actividade, que em alguns momentos terá tornado alguma áreas do SW português nas de maior densidade peninsular de arqueólogos *per capita*, não se reflecte sempre nas actas dos Encontros de Arqueologia do Sudoeste Peninsular, e não se reflecte também, obviamente, num crescimento homogéneo do conhecimento, nosso, sobre os diferentes momentos do Passado.

As primeiras fases do Neolítico – sobre as quais se centrará este discurso – não constituem temas de destaque nos Encontros de Arqueologia do Sudoeste Peninsular e – com excepção do ano de 2006 – o número baixo de comunicações contrasta até com a presença efectiva que os vestígios destes momentos têm nos territórios em análise. Este silêncio – total em 2010, Almodôvar – traduz outras dinâmicas próprias das (sub) comunidades científicas e das suas gestões de agendas e de territórios – pelo que a síntese abaixo apresentada recorre a dados obtidos em outras fontes para além dos volumes das Actas, destes Encontros. Nos últimos 20 anos, diversos projectos de investigação sobre as primeiras fases do Neolítico da região estiveram em curso e conjugados com a informação proveniente da Arqueologia preventiva permitiram uma ampliação da informação, e consequentemente das problemáticas, acerca do Neolítico no (lado português), do SW peninsular, que abaixo se discutem (Figuras 1 e 2).

Este balanço, breve, de 20 anos de investigação, onde se detectam diferentes momentos nos ritmos e resultados da investigação, centra o discurso sobre alguns impasses não resolvidos que consideramos, no entendimento do processo histórico, fundamentais (Figura 3).

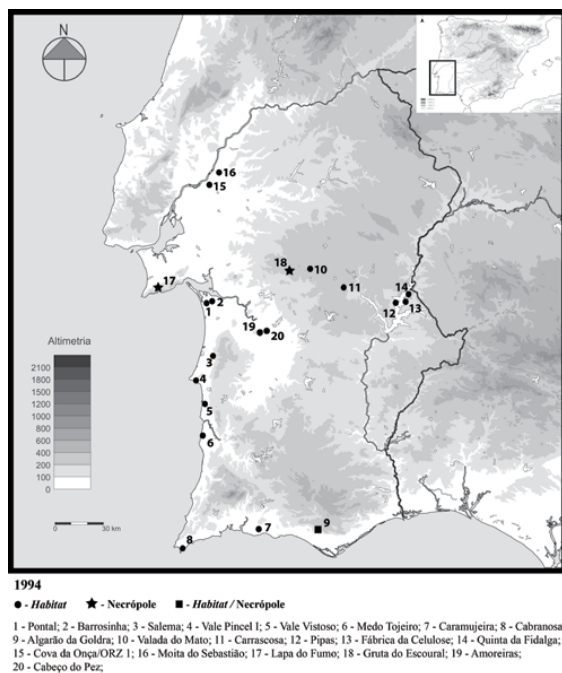


Figura 1 – Cartografia do povoamento do Neolítico antigo e médio identificado até 1994 no SW peninsular. (base cartográfica: Boaventura, 2009)

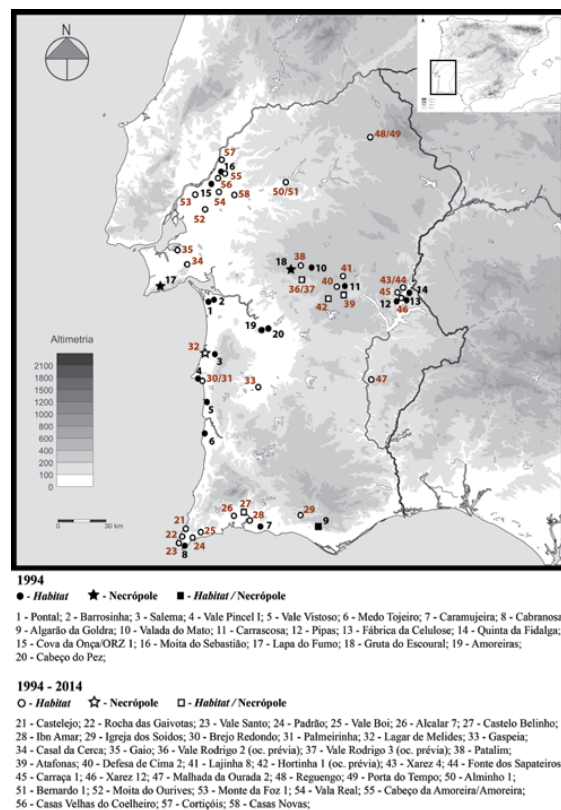


Figura 2 - Cartografia do povoamento do Neolítico antigo e médio identificado até 2014 no SW peninsular. (base cartográfica: Boaventura, 2009)

Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular	Artigos publicados (total)	Artigos Neolítico antigo e médio (Nº e %)
I – Huelva (1993)	34	1 - 3%
II – Faro (1997)	29	1 - 3%
III – Aljustrel (2006)	69	4 - 5%
IV – Aracena (2008)	69	2 - 3%
V – Almodôvar (2010)	59	0 - 0%
VI - Villafranca de los Barros (2012)	95	3 - 3%
Total	355	11 - 3%

Figura 3 - Trabalhos publicados referentes ao Neolítico antigo e médio nos Encontros de Arqueologia do Sudoeste Peninsular (publicados à data deste texto).

1. Ainda antes da mudança – no Sudoeste português, os últimos caçadores-recolectores

No quadro tradicional de que se dispunha, à data do I Encontro, para reconstruir os cenários de acção das últimas comunidades de caçadores-recolectores destacavam-se, como áreas nucleares de ocupação, os paleoestuários do Tejo e do Sado, acrescentando-se depois a Costa SW, como outro território explorados por grupos do Mesolítico final, onde estabelecem também *habitats* e lugares de curta duração, nos quais a presença dos mortos está mal documentada, ao contrário dos concheiros dos grandes estuários, onde as práticas funerárias representam um dos elementos nucleares das ocupações aí registadas.

Já depois de 1994, regista-se uma efectiva ampliação das cartografias de povoamento, com dados relativos à ocupação do Interior, detectada na Barca do Xarez, para o Mesolítico inicial e para o Mesolítico final, com a inclusão do nível de base do Xarez 12, da Defesa de Cima 2, e do contexto datado no Carrascal 2 (Gonçalves, Sousa e Marchand, 2013; Diniz, 2013; Valera *et alli*, 2014, 88).

A confirmar-se a cronologia mesolítica para os sítios com fornos/silos – como o do Xarez 12 e da Defesa de Cima 2 - com fornos/silos, estariam disponíveis, no SW peninsular, dados relativos a uma intensificação de produção que remete para comportamentos detectados, pela Etnografia, entre caçadores-recolectores complexos. Os resultados obtidos nos últimos trabalhos realizados no sítio da Gaspeia confirmaram a existência de dois momentos de ocupação do sítio, no Mesolítico e no Neolítico antigo, e revelaram a existência de estruturas pétreas de função térmica dispostas em bateria, com cronologia atribuída ao Neolítico antigo - que serão também úteis, neste debate, e na definição da cronologia de uso destes contextos (Endovélico).

Mais recentemente, a escavação do Barranco da Horta do Almada I (Santa Clara do Louredo, Beja) (Ana Rosa inf. pessoal), pôs a descoberto uma realidade afim da detectada na Defesa de Cima 2 (Diniz, 2013), ou no Xarez 12 – estruturas negativas circulares, revestidas por camada argilosa, associadas a restos faunísticos e alguma indústria lítica (Gonçalves, 2003).

Esclarecer a integração cronológica e cultural, mais ou menos extensa (?), destas estruturas tipo forno/silo, considera-se um tópico fundamental para a investigação, a desenvolver nesta região. Parece nuclear definir que grupos estão na origem destas concentrações de estruturas, aparentemente relacionadas com práticas intensivas de processamento/armazenamento de produtos alimentares – de acordo com a escassa informação disponível, de origem silvestre – e portanto com economias de tempo diferido que podem já estar atestadas em contextos de caça-recolecção.

Em aberto, e de mais difícil contextualização, parece a questão da integração crono-cultural das indústrias macrolíticas, de talhe expedito, realizadas sobre matérias-primas locais, identificadas à superfície, no litoral Atlântico e nos terraços do Guadiana, revelando um uso amplo do território por parte de comunidades que, no quadro de actividades mal percebidas, produzem registos sucintos, dos quais apenas a componente lítica parece ter sobrevivido.

Um cenário idêntico ao detectado na Costa SW, onde trabalhos recentes de prospecção (Reis, 2013) confirmam a existência de uma ampla faixa litoral explorada por comunidades de caçadores-recolectores no quadro de actividades logísticas de curta duração e de baixo impacto na paisagem, onde, por regra, apenas se detecta material lítico e ocasionais estruturas de combustão.

Outros tópicos estão também em discussão, como as mal documentadas interações entre comunidades Mesolíticas e Neolíticas que terão decorrido na segunda metade do 6º milénio AC, e que não se encontram atestadas em contextos arqueológicos escavados, na área, nas últimas décadas. A transferência de elementos domésticos ou de tecnologias de produção artefactual para contextos de caçadores-recolectores é pouco visível no registo arqueográfico e não são perceptíveis quais as modalidades de contacto entre estes dois sistemas culturais, à semelhança do verificado em outras áreas peninsulares (Juan-Cabanilles e Martí Oliver, 2007-2008). Os trabalhos de terreno, em curso nos concheiros mesolíticos do Tejo (Bicho *et alii*, 2011), e do Sado (Diniz, 2010; Diniz *et alii*, 2015), identificaram pontuais (re)ocupações neolíticas dos lugares, mas cronológica e culturalmente desconectadas dos usos mesolíticos destes sítios.

2. O Neolítico no Sudoeste peninsular: questionar a etapa a partir do actual território português

Em 1994, as primeiras etapas do Neolítico não constituíam um tópico central no debate arqueológico em curso que, no extremo Ocidente do SW peninsular, assentava fundamentalmente em informação obtida em décadas anteriores proveniente, na sua maioria, dos trabalhos realizados na região pelos investigadores dos Serviços Geológicos de Portugal e do Gabinete da Área de Sines (Soares e Silva, 1980; Silva e Soares, 1981). Este panorama será em breve alterado, no quadro de uma renovação da investigação sobre o Neolítico, já várias vezes caracterizada, e que a partir de novos trabalhos de terreno, do exame de colecções antigas e do uso sistemático de análises arqueométricas, conduzirá a uma ampliação da base de dados disponíveis e a uma conseqüente complexificação dos quadros explicativos.

Em 1994, o Neolítico antigo não estava, na área, ainda datado – as escassas datações absolutas então existentes – para a Comporta, Medo Tojeiro ou Algarão da Goldra, obtidas sobre carvão e concha, apontavam para cronologias da 2ª metade do 5º e primeira metade do 4º milénios AC, e representavam os mais antigos intervalos de tempo disponíveis para o Neolítico, no extremo Ocidente peninsular. Nestes contextos, com excepção do Algarão da Goldra, não estavam presentes elementos económicos do pacote neolítico que se assumia, nas suas primeiras etapas, como fundamentalmente assente na caça-pesca e recollecção, associado a alguma pastorícia, mas onde as economias plenamente agro-pastoris não estavam documentadas. O modelo de povoamento parecia confirmar este padrão de exploração de recursos, fundamentalmente silvestres.

Na região, a escassez de grutas naturais justificava a solitária ocupação neolítica da Gruta do Escoural, os dados da gruta de Melides ou do Algarão da Goldra, mal conhecidos, e o uso das grutas da Serra da Arrábida – com destaque para a Lapa do Fumo - não forneciam dados explícitos quanto à natureza das fases antigas destas ocupações. Na Lapa do Fumo, a proximidade dos vasos cerâmicos - decorados com “falsa folha de acácia” - a restos humanos apontava para uma função funerária, sem que os dados – escassos – de terreno o confirmassem (Serrão, 1958).

Ao contrário do que então se registava como padrão dominante, na bacia do Mediterrâneo ocidental, no extremo SW peninsular, o povoamento neolítico estava documentado ao ar livre, em zonas planas, abertas, arenosas e sem condições naturais de defesa. Práticas funerárias mal documentadas, registadas sobretudo em gruta, e os primeiros dados publicados sobre o Neolítico no interior – ainda de superfície ou de pequenas sondagens – como do sítio de Pipas (Soares e Silva, 1992), começam a denunciar uma rede de povoamento mais extensa do que a então conhecida, que permitia antever a existência de um horizonte pré-megalítico nos territórios de Interior.

Preparava-se o debate difusionistas/indigenistas, que viria a animar a década de 90, ao mesmo tempo que, por todo o País, a investigação em torno do Neolítico conhecia um momento de grande intensidade que culminaria depois, já no novo milénio, com as primeiras teses de doutoramento realizadas especificamente sobre este período (Diniz, 2004; Carvalho, 2007; Monteiro-Rodrigues, 2008).

No início deste milénio, os novos dados provenientes da fachada ocidental do SW peninsular provêm fundamentalmente de contextos mais tardios, do Neolítico final/Calcolítico, revelando sociedades com um grau de complexidade cultural – não apenas ao nível dos comportamentos simbólicos, mas também no quadro das dinâmicas domésticas atendendo à dimensão dos sítios, à circulação de bens e pessoas, ao grau de elaboração de diferentes categorias artefactuais – que não pareceria expectável analisando o registo arqueográfico – particularmente silencioso acerca dos contextos de *habitat* - disponível para as fases médias do Neolítico.

Se uma aparente retracção do povoamento, no Neolítico médio, visível na Figura 2, sucede a um primeiro episódio associado à efectiva expansão territorial de grupos portadores de cerâmicas impressas, e se integra uma mais generalizada queda demográfica que está atestada na Europa Central e do NW, cujas causas não estão ainda percebidas (Shennan *et alii*, 2013), é uma questão em aberto (Figura 4).

A densidade do povoamento no Neolítico final que, no SW peninsular, possui um registo complexo de contextos habitacionais e de arquitecturas funerárias e simbólicas, traduz um novo episódio de crescimento demográfico, tradicionalmente conectado com a RPS e a prosperidade social que esta gerou. Esta etapa - quase sempre discutida a propósito do Calcolítico – e com frequência identificada na base de sítios de longa cronologia de utilização – iniciada no último quartel do 4º milénio AC - corresponde já a uma outra Estrutura, distinta das primeiras fases do Neolítico sobre as quais incide esta reflexão.

N.º Sítios no Endovélico ¹ (valores em bruto)		
Neolítico antigo	Neolítico médio	Neolítico final
174	62	269

Figura 4 - Contextos neolíticos no actual território português.
 Fonte: Endovélico (Consulta – Outubro de 2015).

1 - A natureza arqueográfica desta discrepância, relacionada com a ausência de fósseis-directores para a etapa média do Neolítico, bem como a necessária leitura crítica da informação contida no Endovélico têm sido já amplamente mencionadas – apesar disso utilizam-se aqui estes valores que poderão – com toda a imprecisão que contêm – reflectir um efectivo quadro histórico.

2.1 Cronologia e Cultura

Como para todas as etapas da História, a necessária e difícil definição do início de um processo, e do momento onde se coloca a linha que divide sistemas culturais, numa dinâmica de mudança que é mais arritmica que sincopada, explica que nas Origens do Neolítico do SW peninsular estejam – ou não – em função dos autores seguidos - sítios e horizontes cuja efectiva integração cultural, mais que cronológica, é objecto de polémica, fazendo por isso oscilar o momento no qual se consideram presentes os primeiros testemunhos, do Neolítico, no Ocidente peninsular.

A observação das recomendações expressas na “Carta de Veneza” – utilização exclusiva de amostras de inequívoco significado cultural, nomeadamente cereais e animais domésticos, que deve ser seguida de forma sistemática para datar o arranque do Neolítico (Ammerman e Biagi, 2003), – quase esvaziaria de datas o Neolítico do SW peninsular, pelo que outras amostras – conchas, carvão, restos humanos – também constam da Figura 11.

Mas que efectivos critérios de classificação devem ser utilizados nesta etapa de transição – de duração mal percebida - em que é expectável que existam, numa paisagem partilhada, comunidades mesolíticas e neolíticas? Uma fronteira estritamente cronológica é hoje uma periodização epistemologicamente inaceitável, porque assumia como agentes únicos da História uma parte apenas dos seus actores – as comunidades neolíticas; em contrapartida, a utilização exclusiva de elementos domésticos – animais e/ou cereais – constituiria o mais robusto dos elementos de diagnóstico, mas – e por razões fundamentalmente tafonómicas associadas à má conservação da matéria orgânica nas áreas arenosas e graníticas ocupadas no SW, no Neolítico antigo, colocaria, apenas nos inícios do 5º milénio AC, a partir das amostras de Vale Boi, a entrada em cena, na região, de animais domésticos, entrada tardia que parece difícil de justificar, atendendo às datações mais recuadas dos exemplares de ovelha doméstica provenientes da Cueva de Nerja (Málaga/Espanha) (Aura Tortosa *et alii*, 2013), e do Lapiás das Lameiras (Sintra) (Davis e Simões, 2016), que remete, para meados/3º quartel do 6º milénio AC, a divulgação ampla das práticas da pastorícia.

O recurso aos componentes artefactuais – assumidos aqui nos elementos clássicos do pacote neolítico – cerâmica e pedra polida –, em particular, à cerâmica como único elemento de mudança, sobretudo quando são escassos os fragmentos recuperados e/ou incerta a sua proveniência estratigráfica, torna este um dado pouco sólido na definição dos cenários de transformação cultural, uma vez que é previsível que caçadores-recolectores manipulem e/ou produzam cerâmica sem que daí decorra um efectivo processo de neolitização do grupo.

Perante o cenário percebe-se o uso de critérios mais ou menos plásticos – cronométricos, tipológicos, estratigráficos – para aceitar/recusar, incluir/excluir algumas datas que se consideram adequadas/anómalas face aos modelos de neolitização propostos por diferentes autores.

No SW Peninsular, o início do Neolítico está datado dos meados/3º quartel do 6º milénio AC, - em Vale Pincel I, Cabranosa, Padrão - ainda que nenhuma das datações disponíveis para estes contextos tenha sido obtida a partir de

espécies domésticas, o que fragiliza esta periodização assente em amostras não significativas como é o caso do carvão e das conchas (Figuras 11 e 12).

Em Vale Pincel I, a ausência de outro tipo de matéria datável para além de carvão não permite sustentar a cronologia proposta por outros meios, mas na Cabranosa e Padrão, a presença de fauna doméstica justificaria a obtenção de novas datas que permitissem dispensar as hoje disponíveis, provenientes de amostras sobre concha.

Ao longo dos anos 90/00, particularmente problemática pareceu a ausência de cerâmica cardial num contexto antigo como Vale Pincel I – assumindo-se à época – nas grandes sínteses então produzidas (e.g. Guilaine, 2003, p. 107), - que no Mediterrâneo ocidental/fachada Atlântica da Península Ibérica, as primeiras comunidades neolíticas integrar-se-iam na corrente das cerâmicas impressas cardiais. Hoje, o peso desta tradição decorativa - um dos argumentos centrais no debate em torno das origens do Neolítico - pode considerar-se em parte ultrapassado – (ou talvez não...veja-se a propósito o recente trabalho de Martins *et alii*, 2015), uma vez que, em outros lugares do Mediterrâneo Ocidental, as mais antigas produções cerâmicas, como as recuperadas no sítio de El Barranquet e Mas d'Is, correspondem a outras gramáticas decorativas impressas não-cardiais (Bernabeu Aubán *et alii*, 2011). Note-se, no entanto que a identificação de uma outra gramática não-cardial nestes primeiros conjuntos cerâmicos não se explica, segundo alguns autores, através de regionalismos próprios a diferentes grupos, mas deve reflectir a existência de movimentos pré-cardiais (Bernabeu Aubán *et alii*, 2009), na região.

Neste momento, e apesar de se encontrarem em fase preliminar de publicação, os mais consistentes dados para as origens do Neolítico no actual território português provêm do sítio do Lapiás das Lameiras (Sintra), com espécies domésticas – datadas - que apontam para uma ocupação plenamente agro-pastoril no terceiro quartel do 6º milénio AC, onde a cerâmica cardial está só pontualmente registada (T. Simões, inf. pessoal). Neste contexto, a decoração cerâmica é dominada por técnicas e padrões já conhecidos em outros sítios do Neolítico antigo da região, como os presentes em S. Pedro de Canaferrim (Simões, 1999).

No SW peninsular, as primeiras datações obtidas sobre espécimes domésticos provêm de Vale Boi, datadas dos finais do 6º/primeiro quartel do 5º milénios AC (Carvalho, 2008, 2008), num momento tardio que deve corresponder já a uma efectiva expansão das primeiras comunidades neolíticas sobre o actual território português, e não ao aparecimento das componentes económicas do pacote neolítico no SW peninsular.

No entanto, registre-se alguma inesperada (?) – dada a maior proximidade ao Mediterrâneo - invisibilidade do Neolítico antigo, na fachada litoral do SW – uma vez que as realidades que a Cabranosa e Padrão deviam documentar não se registam em outros contextos, e o excessivo isolamento destes pioneiros, numa paisagem que até tardiamente contém registos de caça-recoleção, é difícil de justificar. Assim, e aceitando-se genericamente as datações provenientes da Cabranosa e do Padrão como primeiro estabelecimento na região de grupos neolíticos, as datas de Vale Boi podiam corresponder a uma “2ª vaga” de ocupação neolítica do território, compatível com o crescimento populacional previsto pela Neolithic Demographic Transition (NDT) (Bocquet-Appel, 2008).

Na região, os sítios datados da segunda metade do 6º milénio AC – Vale Santo, Alcantarilha, Rocha das Gaivotas podem ser interpretados como lugares de permanência cultural de modelos mesolíticos – onde a baixa, ou nula, adesão ao Neolítico se define pela presença de escassos fragmentos cerâmicos – num padrão cultural que não sofre alterações.

Na mesma etapa, povoados permanentes como o identificado na Valada do Mato – reflectem essa diversidade cultural registada neste momento de transição que, definido como Neolítico antigo, ainda integra até à transição 6º/5º milénios AC, claras perdurações das anteriores estratégias sociais.

No vasto território do SW peninsular, nos meados do 5º milénio AC, identificam-se no registo sociedades plenamente neolíticas – em Castelo Belinho, na Goldra, com testemunhos directos das práticas agro-pastoris, ao mesmo tempo que as primeiras fases dos concheiros da Comporta atestam a variabilidade interna que cada sistema permite.

A construção de uma periodização interna e a definição do momento de passagem para o Neolítico médio, questão já iniciada noutra lugar (Neves e Diniz, 2014), assenta fundamentalmente em alterações expressivas ao nível da cultura material, com a queda abrupta das práticas decorativas sobre recipientes cerâmicos que marcariam a etapa Neolítico médio inicial – entre c. 4500 e 3500 cal AC - e um Neolítico médio pleno – definido pela emergência do megalitismo funerário, posterior a 3500 AC (cf. Boaventura & Mataloto, 2013).

No entanto, a ainda escassa informação disponível para esta etapa torna a segmentação tripartida do Neolítico – antigo, médio, final – pouco clara na sua etapa mesial e se, em meados do 4º milénio, a emergência do megalitismo funerário deve traduzir o arranque de um momento longo de crescimento e complexificação cultural – dos meados do 5º aos meados do 4º milénio AC existe uma zona de sombra que reflecte e/ou é provocada por um registo arqueográfico de baixo impacto.

A passagem à última etapa do Neolítico parece bem definida numa perspectiva crono-cultural – no último quartel do 4º milénio, as alterações visíveis em diferentes planos da cultura material, associadas a modelos de povoamento em mutação, vão definir nas “arquitecturas domésticas” novos cânones que irão amadurecer ao longo do milénio seguinte – como demonstra a cronologia neolítica dos mais antigos povoados de fossos do SW peninsular (Boaventura & Mataloto, 2013, 87).

2.2 Economia (os recursos alimentares)

Não sendo possível reduzir o Neolítico enquanto etapa histórica à sua componente “económica”, sendo inquestionáveis as alterações substantivas em categorias fundamentais da percepção e da existência individual e de grupo, na passagem de caçador a produtor, que interferem com conceitos de Tempo, de território, de posse (Barnard, 2007), sendo visível no registo arqueográfico a entrada em cena de novos elementos simbólicos, de novos componentes de identificação social, o Neolítico, e este complexo de atributos que o definem, não é dissociável da introdução de animais e vegetais domésticos – primordialmente destinados ao consumo alimentar que podem, e irão conviver, no tempo longo, com as estratégias

Fauna doméstica em contextos de habitat do Neolítico (antigo/médio) do Sudoeste Peninsular				
Sítios	<i>Ovis/ Capra</i>	<i>Bos taurus</i>	<i>Sus domesticus</i>	Ref. Bibliográfica
Cabranosa	X	-	-	Silva e Soares, 1987
Padrão	X	X	-	Carvalho, 2008
Vale Boi	X	X	-	Carvalho, 2008
Castelo Belinho	X	X	-	Gomes, 2013
Algarão da Goldra	X	X	(?)	Straus, <i>et alii</i> , 1992
Valada do Mato	X	-	(?)	Diniz, 2007
Xarez 12 (Fase 2)	X	X (?)	-	Cardoso, 2013
Barrosinha (Fase 1)	X	-	-	Soares & Silva 2013

Figura 5 - Representação de fauna doméstica em contextos habitacionais do Neolítico antigo e médio do sudoeste peninsular.

Fauna silvestre em contextos de habitat do Neolítico (antigo/médio) do Sudoeste Peninsular						
Sítios	<i>Cervus elaphus</i>	<i>Capreolus capreolus</i>	<i>Sus Scrofa</i>	<i>Equus</i>	<i>Bos primigenius</i>	Ref. bibliográfica
Padrão	X	-	-	-	-	Carvalho, 2008
Vale Boi	X	-	X	-	-	Carvalho, 2008
Castelo Belinho	-	-	-	-	-	Gomes, 2013
Valada do Mato	X	X	-	-	-	Diniz, 2007
Xarez 12 (Fase 2)	X	-	X	X	X	Cardoso, 2013
Xarez 12 (Fase 3)	X	-	-	-	X	Cardoso, 2013
Barrosinha (Fase 1)	-	-	-	-	-	Soares & Silva 2013

Figura 6 - Representação de fauna silvestre em contextos habitacionais do Neolítico antigo e médio do sudoeste peninsular.

tradicionais de caça-recoleção.

No espaço amplo da neolitização do território europeu, a correlação estabelecida entre as duas práticas – predação/produção - apresenta soluções diferenciadas, em alguns territórios – paradigmático parece o caso dos grupos LBK, da Europa central (Hodder, 1990, 117), onde a entrada em cena das economias produtoras é acompanhada por um peso débil das práticas cinegéticas, mas para outras áreas do Mediterrâneo central/Ocidental, o registo reflecte um maior equilíbrio de novos e velhos comportamentos na obtenção de recursos animais. A componente vegetal do sistema é menos conhecida, por regra não estão directamente documentadas as espécies sobre as quais incidiriam as actividades de recolha dos últimos caçadores-recolectores – refiram-se aqui os resultados paleobotânicos obtidos para concheiros do vale do Sado (López-Dóriga, Diniz e Arias, 2015), como elementos para a reconstrução dessas práticas prévias – e é já em contextos neolíticos que são identificadas espécies silvestres exploradas no âmbito de uma recolha, cujo peso face à agricultura não está determinado.

Para o SW peninsular, em particular para o lado português deste território, a quantificação das diferentes práticas - produtoras/predatórias - na economia dos grupos constitui um exercício de óbvia dificuldade atendendo à frequência e dimensão dos conjuntos faunísticos e botânicos na região que, antes do Neolítico final, são de pequena dimensão ou estão mesmo ausentes do registo arqueográfico.

Numa síntese dos dados disponíveis (Figuras 5 e 6), pode afirmar-se que, e recorrendo também a áreas imediatas, a produção de alimentos está atestada desde as primeiras fases do Neolítico antigo através da exploração de animais e plantas domésticos, sendo no entanto difícil a concretização de análises quantitativas dada a diminuta dimensão da grande maioria dos conjuntos. A natureza dos substratos geológicos na região – ácidos, com excepção dos calcários no Algarve ou dos calços no Baixo Alentejo – preserva mal a matéria-orgânica em contextos arqueológicos e para parte substantiva dos sítios neolíticos não possuímos qualquer informação acerca das espécies consumidas. A coexistência das práticas predatórias e produtivas assume-se como um comportamento de longa duração não sendo possível definir

tendências ou regionalismos neste quadro, dado o pequeno número de restos faunísticos recuperados em escavação, pouco adequado para quantificação.

As tabelas traduzem a escassa informação relativa a uma componente fundamental do sistema – a da obtenção de proteína animal e da gestão dos territórios e das mobilidades conectadas com a caça e/ou a pastorícia. Os dados recentemente sistematizados por Valente e Carvalho (2014), constituem uma clara demonstração da fragilidade da base empírica com condicionantes óbvias a uma leitura global partindo de conjuntos não só diminutos, mas onde a má preservação dos restos osteológicos torna difícil a simples definição do estatuto silvestre/doméstico do material analisado.

Desconhecemos por isso se há pressão sobre a caça, e se em caso afirmativo sobre que espécies, a própria gestão dos rebanhos e manadas é, atendendo à escassez de informação, discutida para contextos mais tardios do Calcolítico em torno das causas/consequências da RPS, mas não abordada para as primeiras fases do Neolítico.

Ao mesmo tempo, a questão do leite, e do momento específico em que está atestado pela primeira vez o seu consumo é hoje um ponto em análise, com resultados que parecem apontar para um grau importante de “regionalismos”, nesta matéria. Na Europa, os primeiros sinais de Persistência da Lactase (PL), na população adulta, parecem estar associados ao complexo cultural LBK, cujas cerâmicas do 6º milénio AC revelam a presença de biomarcadores associados à exploração do leite (Roffet-Salque *et alii*, 2013), mas para o SW peninsular até ao momento não foram ainda, e apesar de já realizadas análises sobre fragmentos cerâmicos da Valada do Mato, por M. Salque (Universidade de Bristol), identificados elementos que atestem a exploração de recursos lácteos. Análises de lípidos recentemente efectuadas sobre recipientes cerâmicos da Anta Grande do Zambujeiro (Évora) (Manhita *et alii*, 2014), e dos, mais recentes, recintos de fossos dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz), e da Bela Vista 5 (Beja), (Bastos, 2015), revelaram o uso destes para processamento culinário de carne de grandes herbívoros e vegetais. A presença da resina de pinheiro (Manhita *et alii*, 2014), atestada na Anta Grande do Zambujeiro, terá outros fins que não alimentares e o uso do leite não está ainda directamente documentado, mesmo quando observados contextos já calcolíticos.

Relativamente aos restos botânicos, a informação é ainda mais escassa, daí a necessidade de obter amostras em campo com a inclusão da flutuação de sedimentos como prática sistemática, podendo contribuir para a ampliação de um quadro de referência excessivamente diminuto. Neste momento, as práticas de recolção e agricultura estão particularmente mal documentadas na região, constituindo o trabalho de I. Lopez-Dóriga e T. Simões (2015), sobre materiais do Lapiás das Lameiras e de S. Pedro de Canaferrim, a mais extensa listagem de restos botânicos disponível para o Neolítico do Ocidente peninsular. No SW, a flutuação de sedimentos realizada a partir das escavações da Defesa de Cima 2, não forneceu resultados conclusivos.

Apesar de provenientes de uma área geográfica contígua, e de um tempo mais dilatado do que o que está aqui em discussão, os resultados das análises de oligoelementos realizadas sobre restos humanos do Neolítico final apontam para um peso muito substantivo na dieta destes grupos dos alimentos vegetais, provenientes de uma agricultura cerealífera estável (Umbelino, 2006, 303), traduzindo no entanto uma diversidade de combinatórias na origem vegetal/animal dos alimentos, que também se detecta na análise do registo arqueozoológico disponível para o Neolítico (Valente e Carvalho, 2014, figs.

Armaduras geométricas em contextos domésticos do Neolítico antigo (etapa final) / Neolítico médio no Sudoeste Peninsular				
Sítios	Crescente	Trapézio	Flecha transversal	Ref. Bibliográfica
Algarão da Goldra	-	-	-	Straus, <i>et alii</i> , 1992
Igreja dos Soidos	-	-	-	Straus, <i>et alii</i> , 1992
Ibn Amar	-	-	-	Boaventura <i>et alii</i> , 2015
Castelo Belinho	X ²			Gomes, 2008, p. 75
Alcalar 7	-	-	-	Uribe, 2004
Brejo Redondo	-	-	-	Silva e Soares 2004 Silva <i>et alii</i> , 2010
Palmeirinha	1	1	-	Silva <i>et alii</i> , 2010
Salema	-	-	-	Soares e Silva, 1980
Pontal	-	-	-	Soares e Silva, 2013
Barrosinha	-	-	-	Soares e Silva, 2013
Patalim	1	-	-	Ferreira, 2005
Vale Rodrigo 2	-	-	-	Armbruester, 2006
Vale Rodrigo 3	2	-	-	Armbruester, 2008
Hortinha 1	-	-	-	Rocha, 2007
Atafonas	-	-	-	Albergaria, 2007
Quinta da Fidalga	-	-	-	Soares e Silva, 1992
Fábrica da Celulose	-	1	-	Soares e Silva, 1992; info. oral
Pipas	1	-	1	Soares e Silva, 1992; info. oral
Monte da Foz 1	2	2	-	Neves, 2010
Moita do Ourives	1	5	1	Neves (inédito)

Figura 7 - Presença de armaduras geométricas no registo arqueológico de contextos domésticos do Neolítico antigo (etapa final) / Neolítico médio no sudoeste peninsular.

2-4). Esta aparente ausência de um padrão paleo-económico dominante parece própria de uma etapa de “experimentação” das distintas práticas produtivas que convivem, em modalidades muito diversificadas, com as estratégias predatórias tradicionais.

O peso específico de cada actividade – agricultura/pastorícia/caça/pesca/recollecção – varia não apenas em função de grandes patamares cronológicos, em função dos sítios analisados, dos limites e das possibilidades dos ambientes que exploram, mas também de escolhas de grupo/indivíduo menos fáceis de identificar. As análises de isótopos têm confirmado o carácter terrestre das dietas (Carvalho e Petchey, 2013) – ainda que, ao contrário do verificado em outras áreas da Europa Atlântica, estas não sejam no SW peninsular uma marca da neolitização, antecedendo-a claramente em ambientes mediterrâneos como os registados nos concheiros mesolíticos do vale do Sado (Diniz, no prelo).

Perante a escassez de informação directa sobre as práticas económicas, tem-se procurado na reconstituição deste sub-sistema utilizar a cultura material como elemento de diagnóstico, destacando-se a presença de instrumentos de pedra polida e afeiçãoada, como machados, enxós, moventes, e dormentes como indicadores indirectos da presença e maior/menor peso das práticas agrícolas. Para além da tipologia, outro contributo é dado pelas análises traceológicas que identificaram lustre de cereal em utensilagem lítica da Valada do Mato (Gibaja *et alii*, 2002), e, mais recentemente, em material dos Cortiços (Carvalho *et alii*, 2013).

No caso específico das utensilagens conectadas com a caça, ao Neolítico médio poderá, nesta região, corresponder uma fase de quebra da importância económica deste recurso (Neves e Diniz, 2014), a avaliar pelo reduzido número de armaduras geométricas recuperadas nos sítios desta cronologia. A escassez, nos espaços de *habitat*, de pontas de projectil evidente na Figura 7 parece de difícil justificação.

2 - É referida pelo autor a presença de geométricos mas não apresentada a tipologia específica das armaduras.

Apesar de pouco abundantes e de consideravelmente dispersos no território, a introdução dos elementos económicos do pacote neolítico está atestada e a má conservação dos vestígios combinada com o uso ainda incipiente de técnicas de recolha – como a flutuação de sedimentos – deve constituir uma causa para a baixa densidade de práticas produtivas já documentadas. Por isso, e perante o registo pode afirmar-se que, durante o Neolítico desenvolve-se uma economia mista, onde a caça e a recolha conservam um peso difícil de definir, mas constante.

Esta heterogénea penetração dos recursos domésticos deve traduzir a existência de condicionantes ecológicas que poderão ser responsáveis por zonas de “fronteira agrícola”, mas traduz também, seguramente, a existência de áreas de resistência cultural, parecendo, em função do registo hoje disponível, que este pode ser o caso do território do SW peninsular.

No plano simbólico, nomeadamente ao nível das representações gráficas, a fauna silvestre, e a caça como actividade, parecem exclusivas na representação de cenários de interacção com animais. Na arte do Tejo, não estão representados animais domésticos (Baptista, 1981), e entre os escassos zoomorfos do Guadiana não se reconhece uma fauna especificamente neolítica (Baptista e Santos, 2013). O bucrânio atrelado do Escoural (Gomes *et alii*, 1983), fará já parte de esse outro ciclo que começa no Neolítico final e que já não constitui objecto desta reflexão.

Ao longo do Neolítico, a ausência de representações de animais domésticos em contextos simbólicos – e uma vez que a sua presença está atestada desde as fases iniciais do processo (Davis e Simões, 2016) – parece demonstrar a relativa independência entre sub-sistemas, com o discurso ideológico a ser construído a partir de elementos – silvestres - que não reflectem a totalidade dos quotidianos neolíticos.

2.3 Cultura material: a decoração (e a sua ausência), nos recipientes cerâmicos como marcadores crono-culturais (e regionais)

Sem querer retomar aqui o discurso de uma Arqueologia dos Horizontes (Guilaine e Ferreira, 1970), hoje uma leitura integrada dos dados disponíveis aponta para a existência, nas primeiras fases do Neolítico, de um “ciclo das cerâmicas decoradas”, no qual se parece detectar a existência de alguns padrões regionais, ao nível das gramáticas decorativas, ao qual se segue um “ciclo das cerâmicas lisas”, cujo significado crono-cultural pode ser discutido.

Ao primeiro destes ciclos, o das cerâmicas decoradas, maioritariamente por impressão, pertencem os escassos recipientes cardiais recuperados no extremo Ocidente peninsular cuja diminuta presença e relativa simplicidade das gramáticas decorativas constituiu sempre um entrave à classificação deste primeiro Neolítico como plenamente cardinal. Nos últimos 20 anos, a investigação realizada neste território não transformou significativamente este quadro, e no SW peninsular a cerâmica cardinal parece sempre minoritária nos conjuntos em que surge.

A observação de conjuntos cerâmicos que apresentam dimensões com expressão numérica permite reconhecer que,

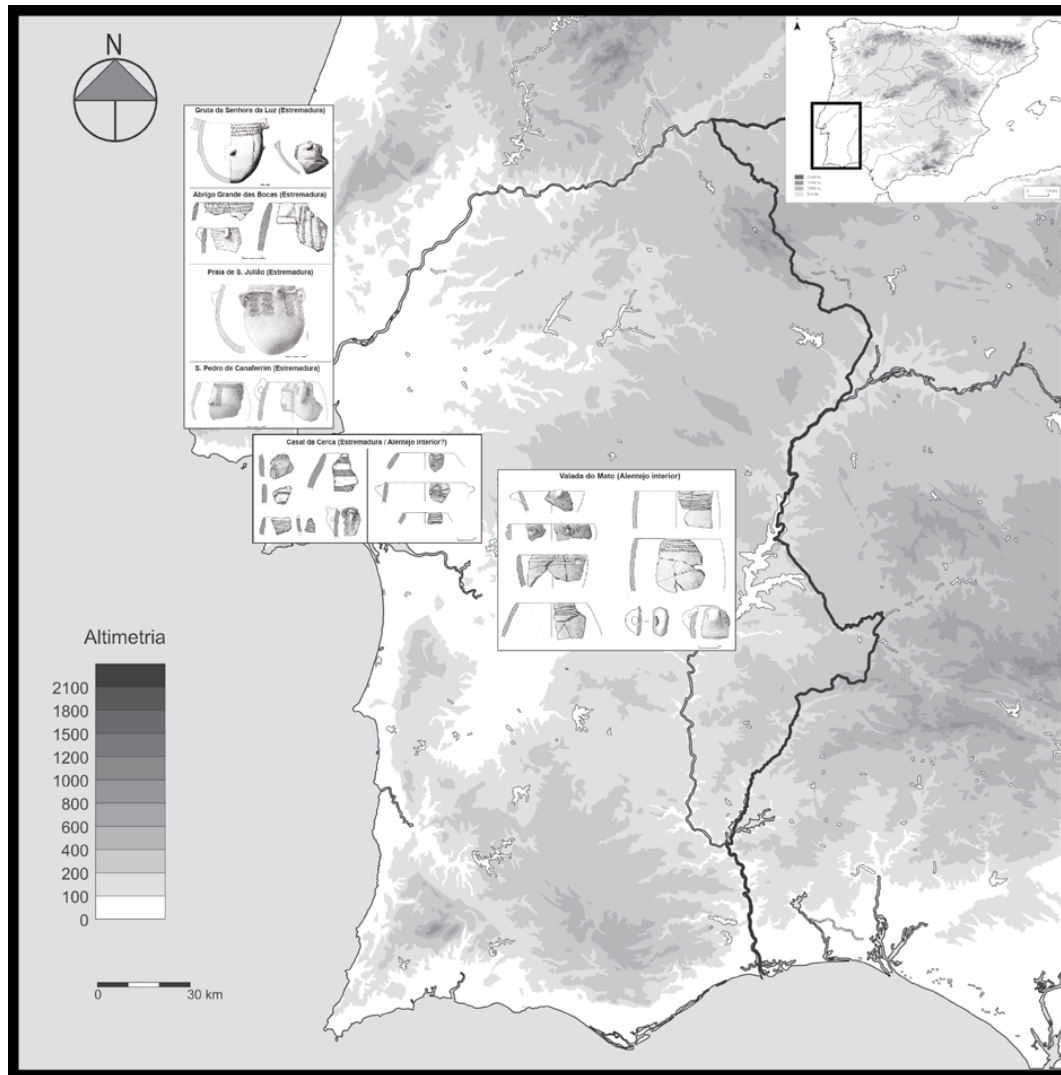


Figura 8 – Gramáticas decorativas dos recipientes cerâmicos da 2ª metade do 6º e 1ª metade do 5º milénio AC, na Estremadura portuguesa e Alentejo interior (adaptado de: Carreira, 1994; Cardoso, Ferreira, Carreira, 1996; Simões, 1999; Diniz, 2007; Silva e Soares, 2014; base cartográfica: Boaventura, 2009)

nos finais do 6º milénio e ao longo da 1ª metade do 5º milénio cal AC, parece ocorrer uma diversidade na gramática decorativa dos recipientes, consoante a área regional em análise. Esta diversidade na cultura material (mais visível nas temáticas decorativas das cerâmicas), poderá ser sinónimo de “identidades culturais” que retratam “...origens geográficas, trajetórias espaciais e modalidades de interacção cultural diferenciadas.” (Diniz, 2003, 38).

Para esta fase, na região estremenha, os conjuntos cerâmicos distinguem-se dos contextos sincrónicos pelo predomínio de recipientes decorados por faixas incisas preenchidas por curtas incisões oblíquas, asas bifidas (ou “em perfil de suíno”), associados ao motivo decorativo mais recorrente neste contexto geográfico, a decoração em espiga também, vulgarmente, denominada por “falsa folha de acácia” (a ambiguidade da sua nomenclatura e possível significado cronológico estão bem discutidos em Nukushina, 2015). Os sítios do Abrigo Grande das Bocas e Gruta da Senhora da Luz (Rio Maior), S. Pedro de Canaferrim (Sintra), e Gruta da Furninha (Peniche), são os contextos arqueológicos onde melhor se observa esta homogeneidade decorativa (Carreira, 1994; Diniz, 1994, Simões, 1999; Cardoso, Ferreira e Carreira, 1996), naquilo que parece representar um fenómeno claramente estremenho, tal é a sua dispersão territorial nesta área e representatividade (Diniz, 2007, 208).

Num mesmo momento, no Alentejo interior – aqui quase exclusivamente representado pelo povoado da Valada do Mato (Évora), sinónimo de limitações arqueográficas que a investigação arqueológica deve ultrapassar – observa-se um regionalismo cultural que, no caso das cerâmicas, assenta num esquema decorativo dominado pela “... impressão de diferentes matizes em banda larga, e as sequências de linhas incisas ou de caneluras, em ambos os casos paralelas ao bordo” (Diniz, 2007, 209), sendo que nas asas, dominam as circulares (Diniz, 2003, 38). Esta realidade, nomeadamente ao nível das bandas de impressões paralelas ao bordo, também parece “sobreviver”, com menor representatividade, no Patalim (Montemor-o-Novo), num momento cronológico mais tardio (2ª metade do 5º milénio AC) (Ferreira, 2005). Para

este espaço geográfico, em contraste com o “mundo estremenho”, observa-se em número muito reduzido a decoração em espiga, bem como as faixas incisas preenchidas por incisões na oblíqua, estando totalmente ausentes as asas bifidas.

Paralelamente, num espaço de fronteira entre os universos regionais acima descritos (Estremadura e Alentejo interior), surgem contextos arqueológicos onde os conjuntos cerâmicos apresentam elementos combinados, com exemplos decorativos típicos da região SW juntamente com elementos identificados com a região estremenha. O sítio do Casal da Cerca (Palmela) parece um caso paradigmático de um conjunto cerâmico de fusão, onde as cerâmicas decoradas apresentam as gramáticas decorativas que definem tanto os contextos da Estremadura, como os do Alentejo interior. Este sítio apresenta uma datação absoluta do último quartel do 6º milénio/inícios do 5º milénio cal AC (Silva e Soares, 2014, 93), compatível com as da Valada do Mato e S. Pedro de Canaferrim (ver Figuras 11 e 12).

O Casal da Cerca demonstra que, apesar de certos motivos decorativos possuírem claras origens regionais, os conjuntos não são herméticos, e em zonas de passagem os espólios cerâmicos integram gramáticas decorativas com distintas proveniências (Figura 8).

A cerâmica com sulco abaixo do bordo parece marcar, no que à temática decorativa dos recipientes diz respeito, um período de transformação que decorre entre o das cerâmicas ricamente decoradas, que se evidenciam nas etapas iniciais do processo de neolitização, e a produção de recipientes lisos, claramente maioritários no Neolítico Médio (Carvalho, 1998, 64; Neves, 2010 e 2015; Silva e Soares, 1980, 15; Soares e Silva, 2013, 158).

A sua presença parece acontecer com maior peso nos finais do 5º, inícios do 4º milénio AC, exactamente no momento de passagem do Neolítico antigo para o Neolítico médio inicial no Ocidente Peninsular (Diniz, 2000; Neves e Diniz, 2014). Este motivo decorativo integra um conjunto de alterações ao nível da cultura material que emerge neste período cronológico, desconhecendo-se, por agora, qual o seu significado e quais os contextos sociais que poderão ter justificado esta mudança. Ao nível dos conjuntos cerâmicos, o sulco abaixo do bordo surge como o elemento decorativo dominante, aplicado em recipientes de distintas morfologias, em conjuntos compostos, maioritariamente, por recipientes lisos, onde a técnica de impressão tende a ser residual (ou ausente), com a incisão a apresentar-se como a técnica mais empregue no, cada vez menos comum, acto de decorar (Neves, 2010, 115).

As cerâmicas com sulco abaixo do bordo identificadas por C.T. Silva e J. Soares em contextos do Alentejo litoral (Silva e Soares, 1980 e 1981), foram nesse primeiro momento interpretadas como sinais de um possível “regionalismo” ou “identidade cultural”, desta área, no entanto o desenvolvimento da investigação comprovou que a presença deste tipo decorativo era efectivamente mais ampla que o previsto estando registada na Estremadura, Alentejo e Algarve.

Para o espaço do Sudoeste Peninsular, reconhecem-se cerca de 30 contextos com cerâmicas com sulco abaixo do bordo. No Baixo Vale do Tejo, a sua presença está atestada nas duas margens, com 1 exemplar na margem direita no Palácio dos Lumiães (Lisboa), e com os 39 recipientes do *habitat* do Monte da Foz 1 (Benavente), na margem oposta, fazendo deste o sítio

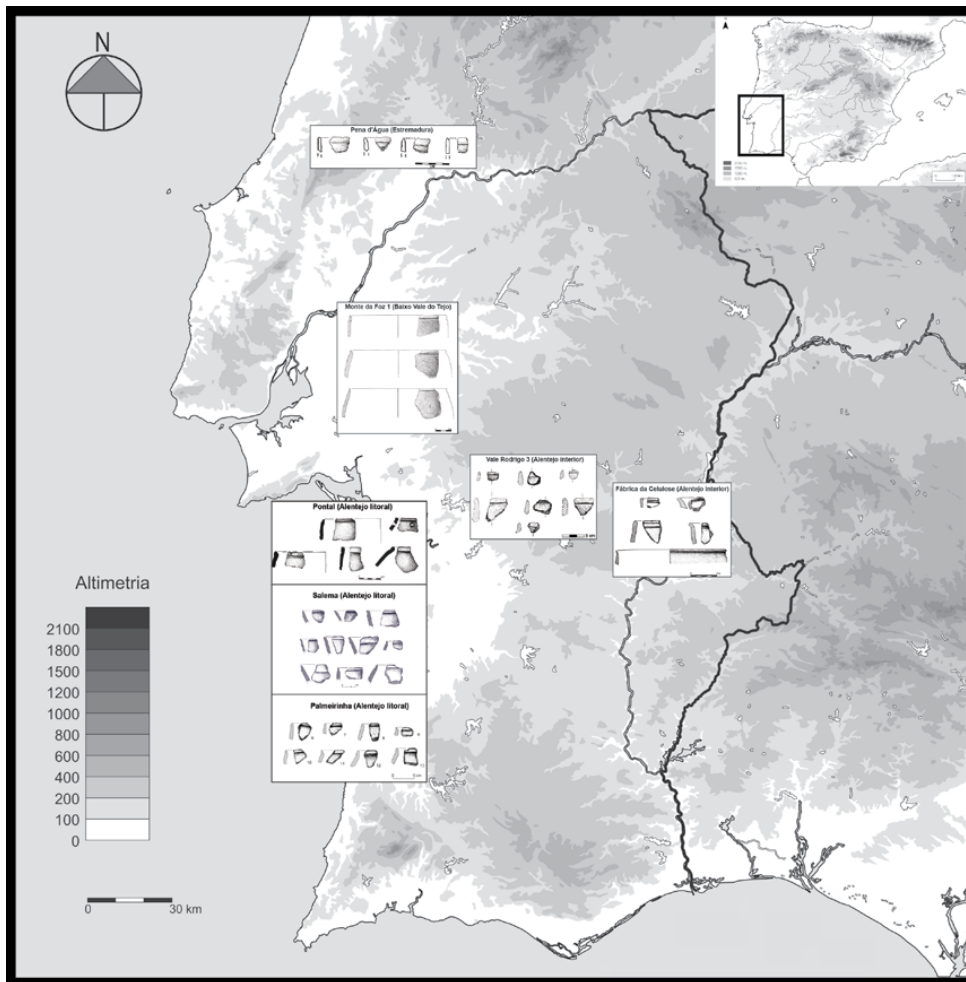


Figura 9 – Distribuição, a partir da 2ª metade do 5º milénio AC, do motivo decorativo *sulco abaixo do bordo*, no centro e sul de Portugal (adaptado de: Carvalho, 1998; Soares e Silva, 1980; Silva e Soares, 1981; Armbruster, 2006; Silva, Soares e Silva, 1992; Soares e Coelho-Soares, 2010; Neves, 2010; base cartográfica: Boaventura, 2009)

com o maior número de exemplares decorados com este motivo nesta região (Valera, 2006, 98; Neves, 2010, 45). A sua presença, percentualmente significativa, verifica-se em ocupações neolíticas a partir dos finais do 5º milénio AC, estando atestada na área da Comporta, nos sítios do Pontal e Barrosinha (este último, somente na camada 4), sendo que neste contexto, para os arqueólogos responsáveis, o sulco abaixo do bordo apresenta-se como uma “...decoreção que encerra o ciclo da cerâmica impressa/incisa do Neolítico evolucionado do Alentejo litoral” (Soares e Silva, 2013, 158). Na zona de Sines, destaca-se a presença significativa desta gramática decorativa no povoado da Salema e da Palmeirinha, ocorrendo em menor expressão em Vale Pincel, Vale Vistoso e Brejo Redondo (Silva e Soares, 1981 e 2004; Silva *et alii*, 2010).

No Alentejo interior, a distribuição é mais dispersa, mas não menos expressiva. Na região de Montemor-o-Novo e Évora regista-se uma presença significativa deste motivo no *habitat* do Patalim e nas ocupações prévias aos monumentos megalíticos de Vale de Rodrigo 3 e Hortinha 1 (Ferreira, 2005; Armbruster, 2006; Rocha, 2007). Nas margens do Guadiana, na área de Reguengos de Monsaraz, destacam-se as ocupações da Fábrica da Celulose e de Pipas, onde, no grupo das cerâmicas decoradas, dominam os recipientes decorados com sulco abaixo do bordo (Soares e Silva, 1992). Na região de Portalegre, este motivo está atestado, nos conjuntos artefactuais recolhidos nas Antas da Bola da Cera, da Cabeçuda e, especialmente, na Figueira Branca (com mais de 20 exemplares) (Oliveira, 1997 e 2011). Nestes contextos não é claro se estes recipientes estão relacionados com os contextos funerários megalíticos ou com ocupações prévias, como as observadas em Vale de Rodrigo 3 e Hortinha 1 (Armbruster, 2006; Rocha, 2007).

Ainda no norte alentejano, na região de Ponte de Sor, numa área fronteiriça entre o Alentejo e o Baixo Vale do Tejo, os recipientes com sulco abaixo do bordo estão documentados nos *habitats* de curta duração do Alminho 1 e Bernardo 1 (Deus, 2008).

Para a região do Algarve, até ao momento, só está registado um único exemplar no Algarão da Goldra que, em conjunto com as datações disponíveis, constitui um testemunho dos inícios do Neolítico médio nesta área (Straus, *et alii*, 1992; Carvalho e Straus, 2013).

A existência deste motivo decorativo em diferentes contextos regionais supõe que o final do Neolítico antigo caracteriza-se, também, por uma forte dinâmica de circulação e interactividade entre grupos – de grande mobilidade? – que ocupam uma vasta área do centro e sul do actual território português (Figura 9).

A decoração com sulco abaixo do bordo pode, numa leitura de forte pendor “artefactualista”, constituir-se como o elemento agregador e comum a esta etapa do Neolítico antigo, prestes a findar. De momento, a sua presença como elemento datante ou “fóssil-director” é indiscutível. O peso que detém no discurso e na formulação de adscrições crono-culturais é sinónimo da sua representatividade nos conjuntos cerâmicos mas, também, da fragilidade dos dados empíricos de que dispomos para esta etapa. Num momento cronológico, de início ainda mal definido, segue-se o “ciclo das cerâmicas lisas”, que estará relacionado com um Neolítico médio pleno, sobretudo visível em contextos funerários.

São ainda, escassos, os sítios de *habitat* claramente relacionados com este momento tanto para a região do Sudoeste Peninsular, como para todo o espaço do actual território português. A dificuldade em localizar estes contextos que apresentam uma cultura material desprovida de “fósseis directores” - elementos decorativos, elementos de preensão e/ou suspensão, carenas, pontas de seta - deve justificar o ainda incipiente conhecimento sobre esta etapa.

No espaço em análise, os primeiros indícios deste momento ocorrem na área do Alentejo litoral, concretamente na Comporta, através dos contextos identificados na Barrosinha, Celeiro Velho, Possanco (camada 4 – nível inferior), Celeiro Velho, Malhada Alta e Sapalinho, enquadradas no momento Comporta II (Silva e Soares, 1980, 15), naquilo que Joaquina Soares e Carlos Tavares da Silva nomearam de um momento que “corresponde ao pleno Neolítico médio” (Soares e Silva, 2013, 160). Estas ocupações, que correspondem a intervenções arqueológicas de reduzida dimensão, revelaram conjuntos cerâmicos praticamente desprovidos de decoração correspondendo, em termos morfológicos, a formas simples e esféricas (taças em calote, baixas e muito abertas) (Soares e Silva, 2013, 160-161).

No Alentejo interior, o Neolítico médio está atestado, na ocupação subjacente ao monumento megalítico de Vale de Rodrigo 2 (Évora), tendo sido identificado, sob a mamoa (Larsson, 2000, 446), um contexto de cariz habitacional que apresentava escassos indicadores da cultura material, mas onde se destacavam os recipientes de morfologia simples, e totalmente lisos (Armbruster, 2008, 86).

Estes contextos estão datados da 1ª metade do 4º milénio AC, ainda que sejam necessárias algumas reservas face a estes resultados obtidos sobre carvões não identificados (Mataloto e Boaventura, 2009, 40).

A ocupação neolítica identificada na Moita do Ourives (Benavente), na margem esquerda do Baixo Vale do Tejo, parece corresponder a mais um testemunho de cariz doméstico referente a este espaço crono-cultural. Apesar de não ter sido possível obter uma datação absoluta para este contexto, os dados recuperados nas intervenções arqueológicas aí realizadas remetem para uma ocupação que terá ocorrido num momento inserido no Neolítico médio (Rodrigues, 2006; Neves, Rodrigues e Diniz, 2008a). A validação desta proposta encontra-se, em parte, na caracterização integral do conjunto cerâmico, onde se observa um predomínio de recipientes lisos (menos de 1% dos elementos têm decoração, exclusivamente incisa), num grupo onde as formas mais registadas são a hemisférica, a ovóide, esférica e, por fim, as taças em calote (Neves, inédito).

Para estes conjuntos cerâmicos desprovidos de decoração – que correspondem em *habitat* aos recipientes lisos das primeiras fases do Megalitismo funerário – não é ainda clara a mancha de dispersão territorial e a cronologia absoluta destes contextos, escassamente datados (Figuras 10, 11 e 12).

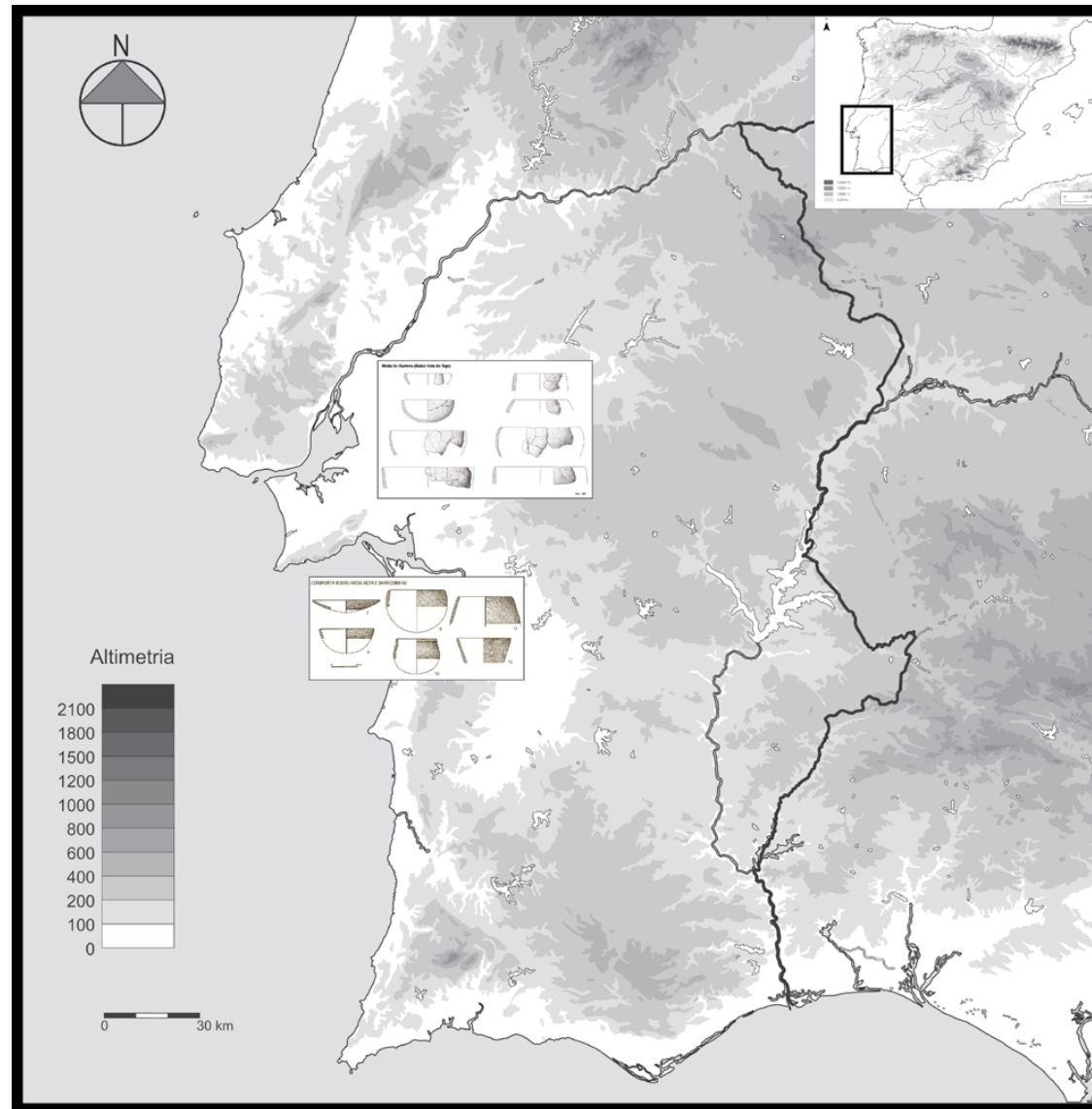


Figura 10 – Recipientes lisos, em contexto doméstico, das primeiras fases do Megalitismo funerário (adaptado de: Soares e Silva, 2013; Neves, inédito; base cartográfica: Boaventura, 2009).

Datações absolutas - Mesolítico final / Neolítico médio - SW do actual território português									
Sítio	Ref. Lab.	Amostra	Data BP	$\delta^{13}C$ (‰)	$\delta^{15}N$ (‰)	Dieta	DR	2 s cal BC ³	Bibliografia
Montes de Baixo	ICEN-720	Concha	7910±60				95±15	6446-6206	Silva e Soares, 1997
Castelejo	ICEN-745	Concha	7910±60				95±15	6446-6206	Soares e Silva, 2004
Vale Boi	TO-12197	Homo	7500±90	-18,3	11,6	30	95±15	6449-6089	Carvalho 2008
Cabeço Amoreiras	Beta-125110	Homo	7230±40	-20,8		7		6211-6021	Umbelino, 2006
Arapouco	Q-2492	Concha	7420±65				- 100±155	6374-5706	Arnaud, 2000
Montes de Baixo	ICEN-718	Concha	7590±60				95±15	6161-5876	Silva e Soares, 1997
Vale Romeiras	ICEN-150	Concha	7390±80				- 100±155	6358-5668	Arnaud, 2000
Vale Romeiras	ICEN-146	Concha	7350±60				- 100±155	6305-5639	Arnaud, 2000
Castelejo	ICEN-743	Concha	7530±60				95±15	6071-5801	Soares e Silva, 2004
Armação Nova	ICEN-1230	Concha	7530±60				95±15	6071-5801	Soares e Silva, 2004
Samouqueira I	ICEN-729	Concha	7520±60				95±15	6059-5792	Soares, 1995
Armação Nova	ICEN-1229	Concha	7500±60				95±15	6040-5773	Soares e Silva, 2004
Fiais	TO-806	Carvão	7010±70					6010-5744	Vierra, 1995
Armação Nova	ICEN-1227	Concha	7350±80				95±15	5948-5622	Soares e Silva, 2004
Poças de S. Bento	Lu-2769	Concha	7150±70				- 100±155	6096-5462	Soares, 2013
Cabeço Rebolador	ICEN-277	Concha	7140±70				- 100±155	6087-5457	Arnaud, 2000
Fiais	TO-705	Carvão	6840±70					5881-5626	Vierra, 1995

Datações absolutas - Mesolítico final / Neolítico médio - SW do actual território português									
Sítio	Ref. Lab.	Amostra	Data BP	$\delta^{13}C$ (‰)	$\delta^{15}N$ (‰)	Dieta	DR	2 s cal BC3	Bibliografia
Várzea da Mó	ICEN-273	Concha	7110±50				- 100±155	6045-5452	Arnaud, 2000
Fiais	ICEN-103	Concha	7310±80				95±15	5911-5586	Araújo, 2003
Cabeço Rebolador	ICEN-278	Concha	7100±60				- 100±155	6044-5436	Arnaud, 2000
Rocha das Gaivotas	Wk-6075	Concha	7270±70				95±15	5848-5559	Carvalho 2008
Poças de S. Bento	Lu-2770	Concha	7050±60				- 100±155	5992-5381	Soares, 2013
Poças de S. Bento	Q-2494	Carvão	6780±65					5807-5561	Arnaud, 2000
Poças de S. Bento	Q-2493	Concha	7040±70				- 100±155	5991-5365	Arnaud, 2000
Cabeço do Pez	Beta-125109	Homo	6760±40	-22,6		-10,48		5726-5621	Umbelino, 2006
Vale Pincel I	Beta-164664	Carvão	6740±40					5721-5569	Soares e Silva, 2004
Rocha das Gaivotas	Wk-14794	Concha	7201±39				95±15	5716-5546	Carvalho 2008
Vale Pincel I	ICEN-724	Carvão	6700±60					5719-5520	Soares e Silva, 2004
Vidigal	Ly-4695	Oso	6640±90					5726-5389	Straus, Altuna e Vierra, 1990
Rocha das Gaivotas	Wk-14793	Concha	7117±38				95±15	5632-5479	Carvalho, 2008
Rocha das Gaivotas	Wk-13692	Concha	7092±48				95±15	5629-5461	Carvalho, 2008
Poças de S. Bento	Q-2495	Concha	6870±70				- 100±155	5852-5197	Arnaud, 2000
Vale Pincel I	Beta-165946	Carvão	6540±40					5613-5386	Soares e Silva, 2004
Vale Pincel I	ICEN-723	Carvão	6540±60					5617-5376	Soares e Silva, 2004
Vale Pincel I	Beta-165944	Carvão	6490±50					5543-5342	Soares e Silva, 2004

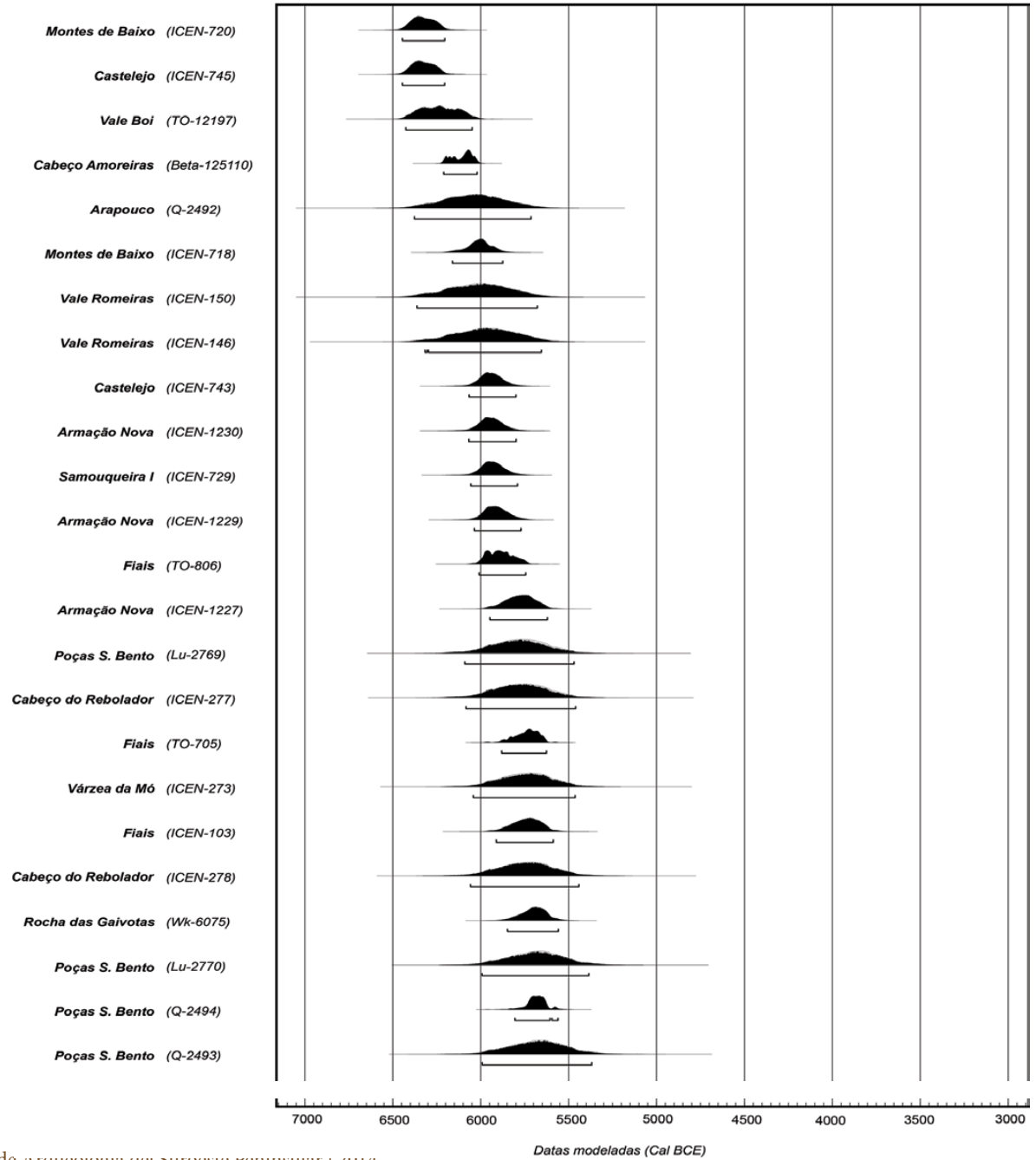
Datações absolutas - Mesolítico final / Neolítico médio - SW do actual território português									
Sítio	Ref. Lab.	Amostra	Data BP	$\delta^{13}C$ (‰)	$\delta^{15}N$ (‰)	Dieta	DR	2 s cal BC3	Bibliografia
Cabranosa	Sac-1321	Concha	6930±65				95±15	5529-5280	Carvalho e Cardoso, 2003
Paço Velho 2	Sac-2847	Concha	6930±60				95±15	5519-5289	Reis, 2013
Padrão 1	ICEN-873	Concha	6920±60				95±15	5511-5280	Gomes
Cabeço do Pez	Q-2497	Concha	6730±75				- 100±155	5700-5010	Arnaud, 2000
Rocha das Gaivotas	Wk-14797	Concha	6862±43				95±15	5454-5250	Carvalho 2008
Vale Pincel I	Beta-165945	Carvão	6350±40					5466-5225	Soares e Silva, 2004
Castelejo	Beta-168461	Concha	6830±60				95±15	5451-5201	Soares e Silva, 2004
Rocha das Gaivotas	Wk-14798	Concha	6820±51				95±15	5431-5201	Carvalho 2008
Padrão 1	ICEN-645	Concha	6800±50				95±15	5418-5185	Gomes, 1994
Rocha das Gaivotas	Wk-17029	Concha	6801±39				95±15	5383-5197	Carvalho, 2008
Fiais	TO-706	Osso	6260±80					5464-5003	Vierra, 1995
Samouqueira I	TO-130	Homo	6370±70	-15,3	16,5	59	95±15	5320-4968	Lubell, Jackes e Meiklejohn, 1990
Casal da Cerca	Beta-235886	Carvão	6160±50	-25.5				5286-4957	Silva e Soares, 2014
Alcantarilha	Wk-6851	Concha	6160±60					5292-4948	Bicho, <i>et alii.</i> , 2000
Vale Santo 1	Wk-12139	Concha	6625±51				95±15	5226-4944	Bicho, <i>et alii.</i> , 2000
Cabeço do Pez	Q-2496	Concha	6430±65				- 100±155	5439-4702	Arnaud, 2000
Alcantarilha	Wk-6672	Concha	6120±70					5281-4846	Bicho, <i>et alii.</i> , 2000
Alcalar 7	Sac-1608	Concha	6580±60				95±15	5206-4874	Carvalho, 2008
Vale Boi	Wk-17842	Osso	6095±40					5208-4859	Carvalho, 2008
Vale Marim	Beta-223688	Carvão	6090±50					5208-4851	Silva, Soares e Coelho-Soares, 2010
Alcalar 7	Sac-1601	Concha	6570±70				95±15	5207-4837	Carvalho, 2008

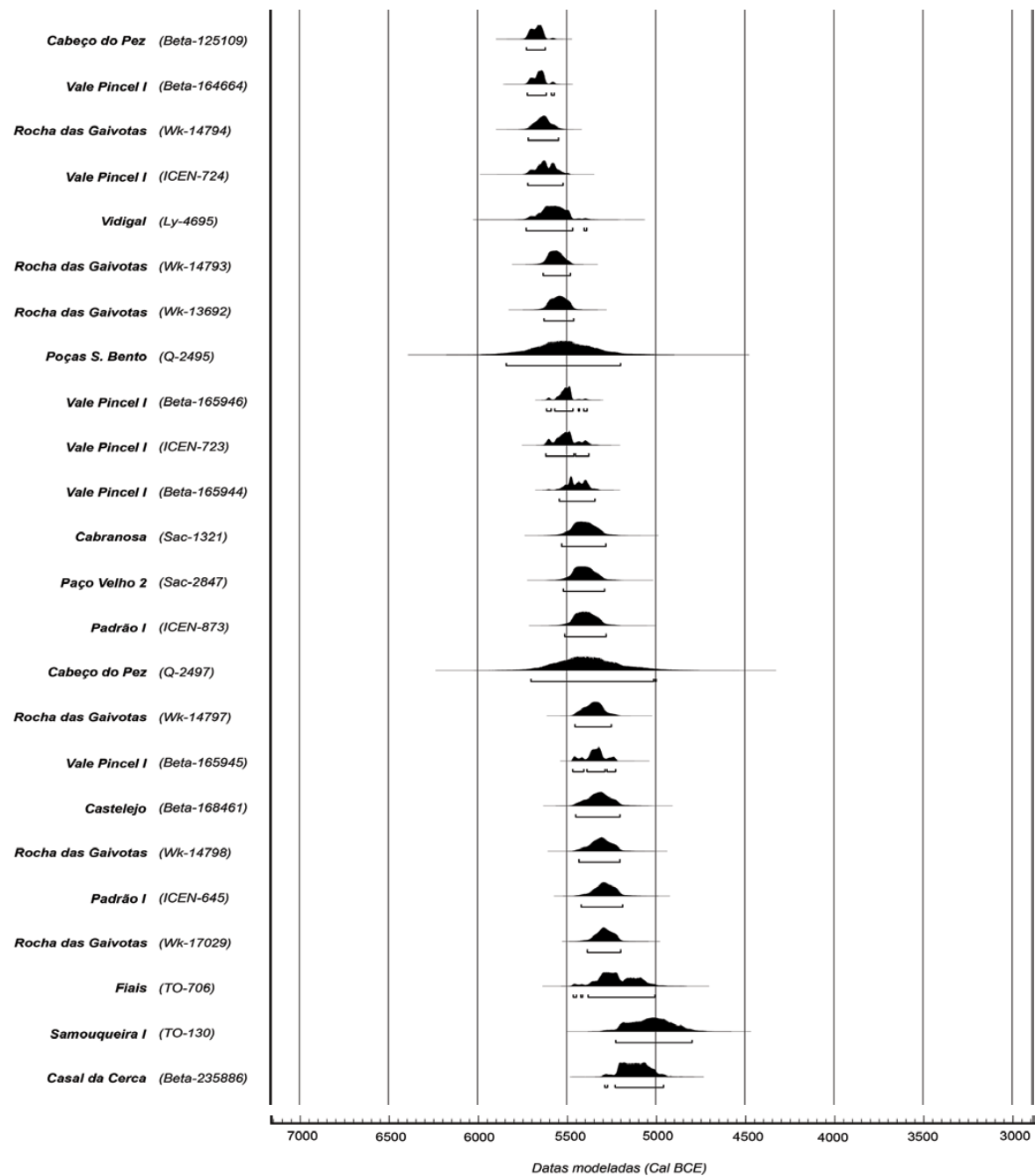
Datações absolutas - Mesolítico final / Neolítico médio - SW do actual território português									
Sítio	Ref. Lab.	Amostra	Data BP	$\delta^{13}C$ (‰)	$\delta^{15}N$ (‰)	Dieta	DR	2 s cal BC3	Bibliografia
Cabeço Amoreiras	Q-AM85B2b	Concha	6370±70				- 100±155	5376-4610	Arnaud, 2000
Alcalar 7	Sac-1602	Concha	6520±60				95±15	5151-4792	Carvalho, 2008
Cabeço Amoreiras	Q-AM85B2a	Carvão	5990±75					5199-4707	Arnaud, 2000
Vale Boi	Wk-17030	Osso	6036±39					5041-4835	Carvalho, 2008
Vale Boi	OxA-13445	Osso ovis/capra	6042±34					5031-4842	Carvalho, 2008
Valada do Mato	Beta-153914	Carvão	6030±50					5054-4793	Diniz, 2001
Vale Boi	Wk-17843	Osso ovis/capra	6018±34					5001-4804	Carvalho, 2008
Alcalar 7	Sac-1594	Concha	6450±60				95±15	5030-4715	Carvalho, 2008
Castelo Belinho	Sac-2030	Concha	6260±45				95±15	4776-4522	Gomes, 2013
Alcalar 7	Beta-180978	Carvão	5810±40					4670-4548	Uribe, 2004
Alcalar 7	Beta-180181	Carvão	5690±70					4691-4369	Uribe, 2004
Alcalar 7	Sac-1794	Carvão	5640±100					4717-4328	Uribe, 2004
Castelo Belinho	Beta-199913	Homo	5720±40	-18,8		26		4582-4361	Carvalho e Petchey, 2013
Algarão da Goldra	Wk-31388	Homo	5642±34	-19,6		18		4545-4370	Carvalho e Petchey, 2013
Castelo Belinho	Wk-28000	Homo	5662±32	-19,05		23		4515-4348	Carvalho e Petchey, 2013
Castelo Belinho	Wk-28636	Homo	5529±35	-18,9		25		4437-4231	Carvalho e Petchey, 2013
Castelo Belinho	Wk-28002	Homo	5536±32	-18,02		33		4361-4230	Carvalho e Petchey, 2013
Castelo Belinho	Wk-28637	Homo	5485±35	-19,4		20		4356-4173	Carvalho e Petchey, 2013
Castelo Belinho	Beta-199912	Homo	5500±40	-18,8		26		4364-4160	Carvalho e Petchey, 2013
Castelo Belinho	Wk-27999	Homo	5444±30	-19,3		21		4337-4074	Carvalho e Petchey, 2013
Castelo Belinho	Wk-28635	Homo	5441±34	-19,2		22		4335-4072	Carvalho e Petchey, 2013

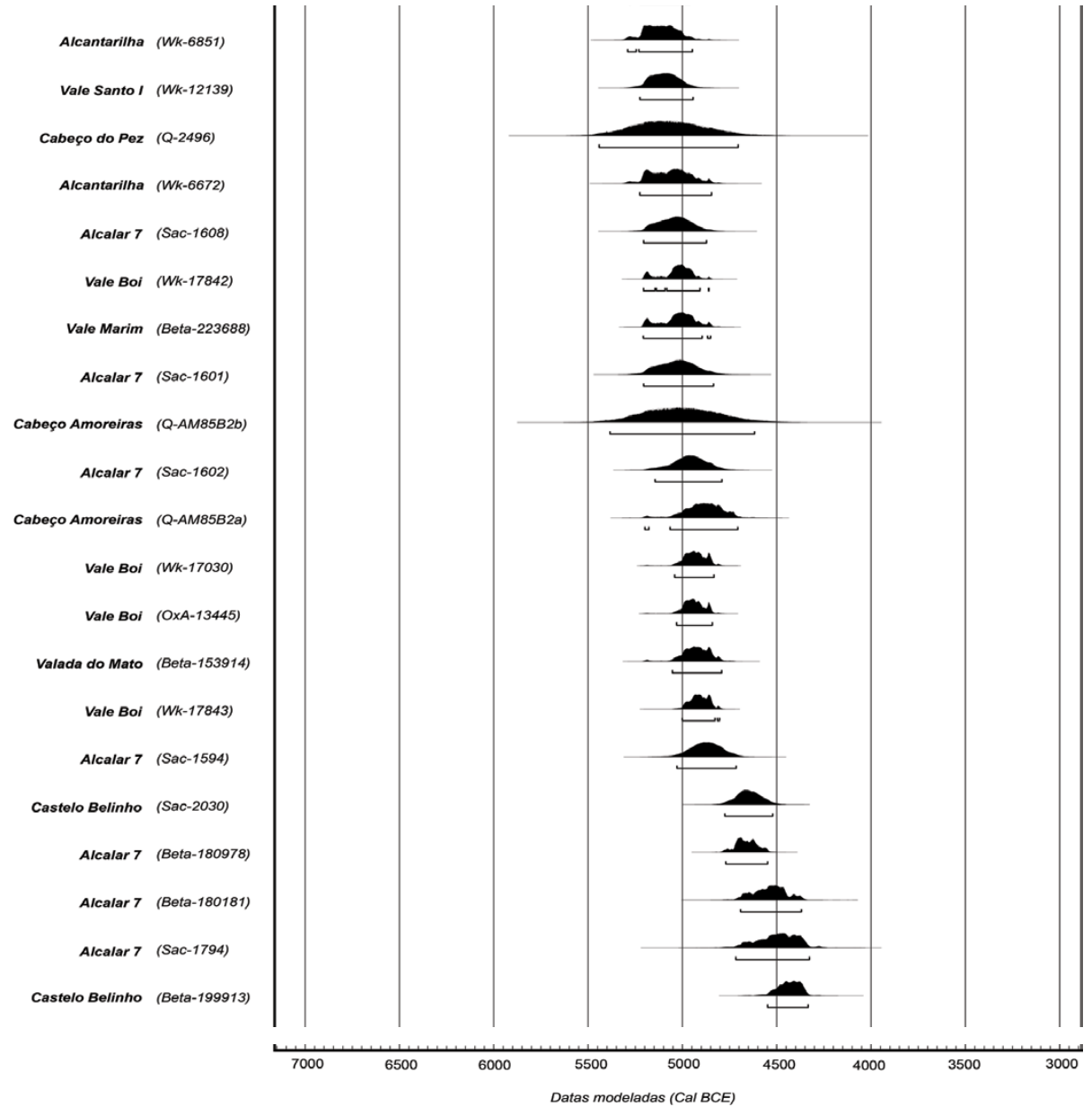
Datações absolutas - Mesolítico final / Neolítico médio - SW do actual território português									
Sítio	Ref. Lab.	Amostra	Data BP	$\delta^{13}C$ (‰)	$\delta^{15}N$ (‰)	Dieta	DR	2 s cal BC3	Bibliografia
Castelo Belinho	Wk-28001	Homo	5436±32	-19,23		22		4332-4070	Carvalho e Petchey, 2013
Algarão da Goldra	Wk-31387	Homo	5323±48	-19,78		16		4322-4001	Carvalho e Petchey, 2013
Castelo Belinho	Sac-2031	Concha	5790±70				95±15	4310-3984	Gomes, 2013
Algarão da Goldra	Wk-31386	Homo	5336±55	-18,97		24		4245-3967	Carvalho e Petchey, 2013
Barrosinha	Beta-221719	Concha	5240±50					4231-3965	Soares e Silva, 2013
Castelo Belinho	Wk-28634	Homo	5267±34	-18,9		25		4224-3937	Carvalho e Petchey, 2013
Vale Rodrigo 2	IND.	Carvão	5175±70					4229-3797	Armbruster, 2008
Lagar de Melides	TO-2091	Homo	5340±70	-14,9		64		4218-3786	Lubell, <i>et alii</i> , 1994 Carvalho e Petchey, 2013
Barrosinha	Beta-221720	Concha	5080±60					3982-3712	Soares e Silva, 2013
Vale Rodrigo 3	KIA-31381	Carvão	4996±30					3938-3699	Armbruster, 2008
Pontal	CSIC-648	Concha	4930±50					3906-3638	Soares e Silva, 2013
Vale Rodrigo 2	Ua-10830	Carvão	4905±70					3937-3526	Larsson, 2000
Barrosinha	CSIC-652	Concha	4720±50					3635-3373	Soares e Silva, 2013
Ibn Amar	Wk-17028	Concha	5105±50				95±15	3556-3302	Boaventura <i>et alii</i> , no prelo
Barrosinha	CSIC-649	Concha	4580±50					3510-3100	Soares e Silva, 2013

Figura 11 – Datações absolutas - Mesolítico final / Neolítico médio - SW do actual território português.

3 - Os valores de calibração aqui apresentados foram obtidos no decurso deste trabalho.







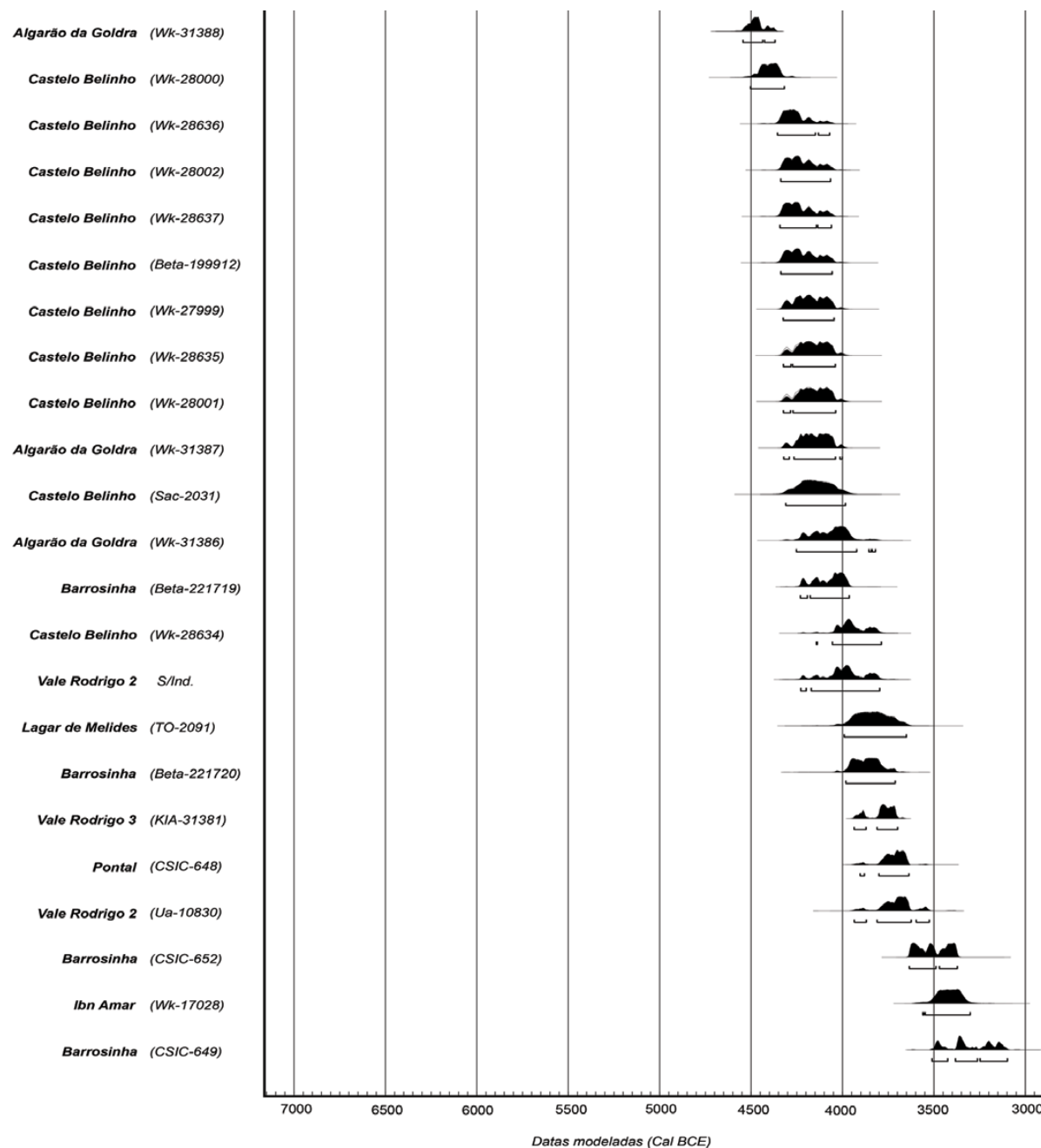


Figura 12 – Representação gráfica dos intervalos de tempo - Mesolítico final / Neolítico médio para o SW do actual território português. Foram utilizadas as curvas IntCal 13 e o Marine 13 (Reimer et al. 2013), e o programa CALIB VER 7.0.2.

1. As amostras terrestres (carvão, fauna e colagénio humano de indivíduos com uma dieta terrestre/ i.e. inferior a 20%) foram calibradas com a curva IntCal13 (Reimer *et alii*, 2013), a partir da v. 4.2 do programa OxCal (Ramsey, 2009);
2. As amostras sobre concha marinha publicadas com o efeito de reservatório corrigido (desconhecendo-se o valor BP original) foram igualmente calibradas com a curva IntCal13 (Reimer *et alii*, 2013), a partir da v. 4.2 do programa OxCal (Ramsey, 2009);
3. As amostras sobre conchas marinhas foram calibradas com recurso à curva Marine13 (Reimer et al., 2013), aplicando valores distintos de ΔR : Sado= - 100±155 14C (Martins, Carvalho e Soares *et alii*, 2008); Costa alentejana e algarvia = 95±15 14C (Soares, com. pess.), a partir da v. 4.2 do programa OxCal (Ramsey, 2009);
4. Nas amostras sobre colagénio humano de indivíduos com dieta marinha =>20%, a calibração teve em conta o valor de dieta marinha determinada para cada indivíduo ($N \pm DP$) e o valor de ΔR .

Uma exceção, no centro de Portugal, constitui o sítio da Senhora da Alegria (Coimbra), onde a análise - ainda preliminar - dos dados provenientes da vasta intervenção de emergência revelou a presença de um conjunto cerâmico totalmente liso, enquadrado no segundo momento de ocupação do sítio, datado cronometricamente "... da transição entre o segundo e o terceiro quartel do 4º milénio aC" (Valera, 2013, 338).

Estas mudanças particularmente visíveis na produção cerâmica estão seguramente conectadas com outras alterações sociais, neste momento, menos óbvias. O abandono dos sítios do Neolítico antigo, uma menor visibilidade nos registos dos contextos de *habitat* do Neolítico médio, bem como o significado que se deve atribuir ao abandono da decoração nos recipientes cerâmicos na 1ª metade do 4º milénio AC, cujo barroquismo visual já foi anteriormente destacado, e a relação com a construção dos primeiros monumentos megalíticos funerários apresentam-se como elementos a integrar em linhas de futura investigação. A passagem ao Neolítico final, traz, no SW peninsular, novos reportórios formais, decorativos e funcionais, bem como os recipientes carenados, o retorno dos mamilos como elementos de prensão dos vasos, e o aparecimento dos primeiros "pesos de tear" que estão amplamente documentados na região como indicadores desse novo ciclo que se inicia nos finais do 4º milénio AC.

2.4 Mundo funerário

No SW peninsular, a informação obtida, nos últimos 20 anos, acerca das práticas e das arquitecturas funerárias – maioritariamente proveniente de intervenções levadas a cabo no âmbito da arqueologia preventiva - permite hoje desenhar, para a região, uma paisagem funerária mais complexa que a conhecida em 1994, na qual o megalitismo de cota positiva – antas, *tholoi*, menires e cromeleques – constituíam o essencial das expressões funerárias e simbólicas. O uso das grutas naturais, muitas escassas na região, estava atestado – na Gruta do Escoural, na Gruta de Melides, no Algarão da Goldra, mas esse parecia um comportamento periférico dependente de uma geologia específica. No litoral algarvio e na península de Setúbal, estavam registadas grutas artificiais – Monte Canelas (Portimão), o núcleo da Quinta do Anjo (Palmela) - ainda que a localização destas arquitecturas negativas - tardias, integrando um fenómeno que parecia essencialmente estremenho, apontava para a maior abertura ao Mediterrâneo das áreas litorais, e em particular dos estuários do Tejo e do Sado.

Em 2005, as inumações em fossa identificadas em Castelo Belinho (Portimão), datadas de meados/último quartel do 5º milénio AC (Gomes, 2012), e em 2006, com a identificação da necrópole da Sobreira de Cima (Vidigueira) – o primeiro conjunto de hipogeus detectado no interior alentejano - datado da segunda metade do 4º milénio AC (Valera, 2013), introduziam novos elementos nas paisagens funerárias neolíticas – a variedade de soluções acentuava-se para as diferentes etapas e a acentuada diversidade de arquitecturas funerárias, que até então parecia um fenómeno de algumas áreas litorais, estendia-se ao interior.

Neste momento, a Arqueologia do Alqueva continua a revelar a extensão territorial e a densidade destas soluções funerárias

de cota negativa, como a registada na Mina das Azenhas 6 (Brinches - Serpa), na Fossa 1, onde um enterramento humano, sem espólio associado, foi datado do terceiro quartel do 4º milénio (Tomé *et alii*, 2013, p.60), ou como a identificada nos hipogeus do núcleo C do Outeiro Alto 2 (Serpa), (Valera e Filipe, 2012), onde a arquitectura, os rituais e o espólio funerários apresentam óbvios paralelos com a Sobreira de Cima. Ao longo do Neolítico, torna-se evidente, no registo arqueológico, a acumulação de soluções funerárias: enterramentos de ar livre + grutas naturais + fossas + antas + hipogeus, num processo cumulativo em que as novas práticas e as novas arquitecturas não implicam abandono total dos comportamentos anteriores.

A diversidade de soluções funerárias acentua-se depois ao longo do Calcolítico, num processo em que o menor gigantismo das construções parece acompanhado por uma complexificação efectiva dos gestos e dos materiais que acompanham a morte, muito visível nos monumentos e contextos já escavados no recinto dos Perdigoões, ou em Porto Torrão (e.g. Valera *et alii*, 2014; Rodrigues, 2014).

Em torno das paisagens funerárias do Neolítico, alguns aspectos devem ser destacados – o diferente *ratio* “pessoas/mês” associado a cada uma destas estruturas, que revelam maior/menor investimento na componente arquitectónica da morte – num crescendo que parecia linear da gruta natural ao monumento dolménico de corredor longo, mas que as fossas e hipogeus do Neolítico final desafiam – e que deve traduzir opções de grupo e de estratégias de afirmação social, hoje difíceis de precisar.

Podemos, ainda, questionar-nos sobre o sentido da (aparente?) dicotomia que subjaz ao acto de depositar mortos em espaços naturais/espaços antrópicos – particularmente marcante na fase de construção/primeiros usos dos monumentos, como resultado de pré-existências geológicas – quando a necrópole existe em função de uma disponibilidade natural contrastando com os casos em que a necrópole construída existe em resultado de uma escolha cultural de acordo com critérios socialmente estabelecidos. Estes comportamentos não se apresentam, no registo, em sequência cronológica – do (aparentemente) mais simples - uso da Natureza - para o mais complexo – selecção de sítio – mas devem reflectir padrões específicos de uso dos territórios e da construção dos discursos e das memórias sociais.

Como acontece com outros planos dos sistemas culturais, detecta-se na região uma inesperada diversidade ao nível do registo funerário neolítico – com peso efectivo das condicionantes geológicas de cada lugar específico, e portanto com a existência de regionalismos mais ou menos perceptíveis – nos granitos e xistos – fundamentalmente megalitismo de cota positiva; nos calços e calcários – domina o megalitismo de cota negativa, nas áreas cársicas – aproveitamento sistemático de grutas naturais – que, no entanto, não constituem a única justificação da diversidade registada, para a qual contribuem também outras variáveis como a dimensão/maturidade social do grupo e a sua maior/menor integração em diferentes ambientes culturais de filiação mediterrânea ou atlântica.

A construção, no Tempo longo, desta paisagem funerária demonstra uma arritmia aparente face às alterações da componente económica dos sistemas sociais, dado que a emergência e consolidação das arquitecturas megalíticas não estão conectadas com as principais alterações das estratégias de subsistência associadas à Neolitização do território ou à Revolução dos Produtos Secundários.

O Megalitismo não é uma consequência directa da introdução das práticas produtivas, ao contrário do verificado na Bretanha (Cassen, 2003, 413). No SW peninsular, Neolitização e Megalitismo não são fenómenos contínuos, nem sequer sequenciais, e qualquer que seja o grau de maturação do sistema produtor, a construção/escavação dos primeiros monumentos funerários parece acontecer

mais de 1500 anos após a entrada em cena no território dos elementos do pacote neolítico. As paisagens megalíticas não parecem – na sua primeira fase - decorrer de mudanças na infraestrutura económica que pudessem justificar as alterações detectadas nestas superestruturas do simbólico, mas também nesta região o mais óbvio investimento arquitectónico na morte – materializado nas antas de corredor longo - será (imediatamente?) anterior ao grande desenvolvimento agro-pastoril que caracteriza a complexa etapa Neolítico final/Calcolítico.

As dinâmicas e as rupturas dos quadros simbólicos, onde as arquitecturas e os rituais funerários assumem um papel decisivo, não se encontram, como esperaria uma análise do registo arqueológico ainda moldada nos postulados do materialismo histórico, linearmente conectadas com as transformações profundas dos sub-sistemas económicos.

3. 20 anos de SW Peninsular e o Neolítico

Nos últimos 20 anos, a revolução profunda dos cenários empíricos reforçou a condição de território de encruzilhada que é o SW peninsular. Novos dados, sobretudo provenientes da “Arqueologia dos Canais de Rega”, acrescentaram a um registo maioritariamente de cota positiva, as complexas realidades em fossa, e em fosso (e.g. Rodrigues, 2013, 435), que registadas em espaços funerários e espaços habitacionais aproximam estes grupos das sociedades neolíticas da bacia do Mediterrâneo central e ocidental, onde a escavação de fossos está atestada desde o 6º milénio AC. A, inesperada, densidade de hipogeus cria para o extremo ocidente do SW peninsular um novo equilíbrio entre a componente atlântica – de feição dolménica - do Megalitismo, e as fórmulas mais tradicionalmente mediterrâneas como são os hipogeus.

Da leitura dos dados pode afirmar-se que os ritmos de mudança dos diferentes componentes do sistema cultural não são sincrónicos – o que é expectável em dinâmicas históricas – e que os elementos primários da mudança podem ser de natureza “simbólica”. À deposição dos corpos em pré-existências naturais acrescenta-se a construção, em áreas específicas, de arquitecturas funerárias abrindo um novo ciclo (que será longo) de relação com os mortos.

Qual o papel destes elementos na construção das complexas narrativas sociais que se seguem ao fim do Neolítico é tópico a debater noutra lugar.

Agradecimentos

A Ana Cristina Araújo e Ana Costa por todo o auxílio dado na construção do quadro de calibração das datações absolutas.

Lisboa, Novembro de 2015.

Referências bibliográficas

- ALBERGARIA, João (2007) - O sítio neolítico das Atafonas (Torre de Coelheiros, Évora). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 10:1, pp.5-35.
- AMMERMAN, A. J.; BIAGI, P. eds. (2003) - *The widening harvest. The Neolithic transition in Europe: looking back, looking forward*. Boston: Archaeological Institute of America.
- ARAÚJO, Ana Cristina (2003) – Long Term Change in Portuguese Early Holocene Settlement and Subsistence. In LARSSON, L.; KINDGREEN, H.; KNUTSSON, K.; LOETTLER, D.; AKERLUND, A. eds. – *Mesolithic on the move. Proceedings of the 6th International Symposium on the Mesolithic in Europe*. Oxford: Oxbow Books, pp.569-580.
- ARNAUD, José Morais (2000) – Os concheiros mesolíticos do vale do Sado e a exploração dos recursos estuarinos (nos tempos pré-históricos e na actualidade). *Actas do Encontro sobre Arqueologia da Arrábida*. Lisboa, Instituto Português de Arqueologia, (Trabalhos de Arqueologia; 14), pp.21-43.
- ARMBRUESTER, Tanya (2006) - Before the monument? Ceramics with a line below the rim (A preliminary report from Vale de Rodrigo 3, Évora). In BICHO, Nuno, ed. - *Simbolismo, arte e espaços sagrados na Pré-História da Península Ibérica: actas do 4.º Congresso de Arqueologia Peninsular*. Faro, pp. 53 – 67.
- ARMBRUESTER, Tanya (2008) - Technology neglected? A painted ceramic fragment from the dated Middle Neolithic site of Vale Rodrigo 3. *Vipasca*. Aljustrel. 2.ª série. 2, pp. 83 – 94.
- AURA TORTOSA, Joan Emili; JORDÁ PARDO, Jesús F.; GARCÍA BORJA, Pablo; GARCÍA PUCHOL, Oretó; BADAL GARCÍA, Ernestina; PÉREZ RIPOLL, Manuel; PÉREZ JORDÁ, Guillem; PASCUAL BENITO, Josep Ll.; CARRIÓN MARCO, Yolanda; MORALES PÉREZ, Juan V. (2013) - Una perspectiva mediterránea sobre el proceso de neolitización. Los datos de la cueva de Nerja en el contexto de Andalucía (España). *Menga: Revista de prehistoria de Andalucía*, 4, pp. 53-78.
- ÁVILA, Javier Jiménez; BUSTAMANTE, Macarena; GARCÍA CABEZAS, Miriam (eds.) (2013) - *Actas del VI Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*, IAM, Badajoz. [DVD-ROM].
- BAPTISTA, António Martinho (1981) – *A Rocha F-155 e a origem da Arte do Vale do Tejo*. Monografias Arqueológicas, 1, Porto: Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto.
- BAPTISTA, António Martinho; SANTOS, André Tomás (2013) – *A Arte Rupestre do Guadiana Português na área de influência do Alqueva*. Memórias d'Odiana. Évora. 2ª série, 1: EDIA e DRCALLEN.
- BASTOS, Beatriz (2015) - Potential of lipid analysis on prehistoric Portuguese pottery. *Apointamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa. 10, pp. 21.
- BARNARD, A. (2007) - From Mesolithic to Neolithic Modes of Thought. In WHITTLE, A.; CUMMINGS, V. eds. - *Going Over: The Mesolithic-Neolithic Transition in North-west Europe*. Oxford: Oxford University Press. pp. 5-19.
- BERNABEU AUBÁN, J.; GÓMEZ PÉREZ, O.; MOLINA BALAGUER, L.; GARCÍA BORJA P. (2011) - La cerámica neolítica durante VI milenio cal AC en el Mediterráneo central peninsular. In BERNABEU AUBÁN, J.; ROJO GUERRA, Manuel; MOLINA BALAGUER, L. eds. - *Las Primeras Producciones Cerámicas: el VI Milenio cal AC en la Península*. *Sagvntvm. Papeles del Laboratorio de Arqueología de Valencia* Extra-12, 'p. 153-178.
- BERNABEU AUBÁN, J.; MOLINA BALAGUER, L.; ESQUEMBRE BEBIA, M. A.; ORTEGA, J. R.; BORONAT SOLER, J. D. (2009) - La cerámica impresa en el origen del Neolítico en la Península Ibérica. De Méditerranée et d'ailleurs : mélanges offerts à Jean Guilaine. Toulouse, *Archives d'Écologie Préhistorique*, pp.83-95.
- BICHO, Nuno; CASCALHEIRA, João; MARREIROS, João; PEREIRA, Telmo (2011) - The 2008-2010 excavations of Cabeço da Amoreira, Muge, Portugal. *Mesolithic Miscellany*. 21: 2, pp. 3-13.
- BICHO, Nuno; LINDLY, J.; STINER, M.C.; FERRING, C.R. (2000) – O processo de neolitização na Costa Sudoeste. 3º Congresso de Arqueologia Peninsular. *Neolitização e Megalitismo da Península Ibérica*, vol. III. Porto: ADECAP, pp. 11-20.
- BOAVENTURA, Rui (2009) - *As antas e o megalitismo da região de Lisboa*. Tese de doutoramento apresentada à Universidade de Lisboa. Policopiado.
- BOAVENTURA, Rui; MATALOTO, Rui (2013). Entre mortos e vivos: nótulas acerca da cronologia absoluta do megalitismo do Sul de Portugal. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 16: 81-101.
- BOAVENTURA, Rui; MATALOTO, Rui; NUKUSHINA, Diana; Harpsöe, Carl; Harpsöe, Peter (2015). A ocupação neolítica da gruta de Ibn Ammar (Lagoa, Algarve, Portugal). In GONÇALVES, Victor; DINIZ, Mariana; SOUSA, Ana Catarina, eds. - *Actas do V Congresso Neolítico Peninsular*. Lisboa: UNIARQ, pp. 256-263.

BOCQUET-APPEL, Jean-Pierre (2008) - The Neolithic Demographic Transition and its Consequences. In BOCQUET-APPEL, Jean-Pierre; BAR-YOSEF, Ofer, eds. - *Explaining the Neolithic Demographic Transition*. Springer Science and Business. pp. 35-55.

CAMPOS, Juan M.; AURELIO PÉREZ, J.; GÓMEZ, Francisco (eds.) (1994) – *Arqueologia en el entorno del bajo Guadiana : actas del Encuentro Internacional de Arqueología del Suroeste*. Huelva: Universidad de Huelva.

CARDOSO, João Luís; FERREIRA, Octávio da Veiga; CARREIRA, Júlio Roque (1996) – O espólio das grutas naturais da Senhora da Luz (Rio Maior). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, pp. 195-256.

CARDOSO, João Luís (2013) - Estudos em anexo : Xarez 12 : estudo arqueozoológico de mamíferos. In GONÇALVES, Victor S.; SOUSA, Ana Catarina; MARCHAND, Grégor, eds. - *Na margem do grande rio: os últimos grupos de caçadores-recolectores e as primeiras sociedades camponesas no Guadiana médio*. Beja e Évora. EDIA e DRACALEN. pp. 559-267.

CARREIRA, Júlio Roque (1994) – A Pré-História recente do Abrigo Grande das Bocas (Rio Maior). *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Lisboa. 2, pp. 47-144.

CARVALHO, António Faustino (1998) – Abrigo da Pena d' Água (Rexaldia, Torres Novas): resultados das campanhas de sondagem (1992-1997). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:2, pp. 39-72.

CARVALHO, António Faustino (2007) – *A Neolitização do Portugal Meridional: os exemplos do Maciço Calcário Estremenho e do Algarve Ocidental*. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade do Algarve. Policopiado.

CARVALHO, António Faustino (2008) – *A Neolitização do Portugal Meridional: os exemplos do Maciço Calcário Estremenho e do Algarve Ocidental*. Promontória Monográfica, 12. Faro: Universidade do Algarve.

CARVALHO, António Faustino; CARDOSO, João Luís (2003) – A estação do Neolítico antigo de Cabranosa (Sagres). Contribuição para o estudo da neolitização do Algarve. In GONÇALVES, Victor S. ed. - *Muita gente, poucas antas? Origens, espaços e contextos do Megalitismo. II Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia; 25), pp. 23-43.

CARVALHO, António Faustino; PETCHEY, Fiona (2013) – Stable Isotope Evidence of Neolithic Palaeodiets in the Coastal Regions of Southern Portugal. *Journal of Island and Coastal Archaeology*, 8, pp. 361-383.

CARVALHO, António Faustino; GIBAJA, Juan; CARDOSO, João Luís; (2013) - Insights into the earliest agriculture of Central Portugal: sickle implements from the Early Neolithic site of Cortiços (Santarém). *Comptes Rendus Palevol*. 12, pp. 31-43.

CARVALHO, António Faustino; STRAUS, Lawrence G. (2013) – New Radiocarbon dates for Algarão da Goldra (Faro, Portugal): a contribution to the Neolithic of the Algarve. *Actas del VI Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*, IAM, pp.193-205.

CASSEN, Serge (2003) – Barnenez. In BOGUCKI, Peter I.; CRABTREE, Pam J., eds. - *Ancient Europe, 8000 B.C. to A.D. 1000: An Encyclopedia of the Barbarian World*. New York: pp. 408-413.

DAVIS, Simon & SIMÕES, Teresa (2016) – The velocity of Ovis in antiquity: the sheep bones from Early Neolithic Lameiras, Sintra, Portugal. In DINIZ, Mariana; NEVES, César; MARTINS, Andrea, coords. - *O Neolítico em Portugal, antes do Horizonte 2020*. Monografias AAP, 2, Lisboa: AAP, pp.51-66.

DEUS, Manuela de (2008) – O Neolítico antigo do baixo curso do rio Sor: os sítios Bernardo 1 e Alminho 1 (Montargil, Ponte de Sor). *Promontória*, Faro: 6:6, pp. 95-114.

DEUS, Manuela de (coord.) (2012) - *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. Município de Almodôvar. [DVD-ROM].

DINIZ, Mariana (1994) - *Acerca das cerâmicas da gruta da Fuminha (Peniche) e da problemática da neolitização no Centro/Sul de Portugal*. Lisboa. Provas de aptidão pedagógica e capacidade científica apresentadas à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Policopiado.

DINIZ, Mariana (2000) – Neolitização e megalitismo: arquitecturas do tempo no espaço. In GONÇALVES, Victor, ed. – *"Muitas antas, pouca gente?"*. *Actas do I Colóquio Internacional de Megalitismo*. Lisboa: pp. 105-116.

DINIZ, Mariana (2001) - Uma datação absoluta para o sítio do Neolítico antigo da Valada do Mato, Évora. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4:2, pp. 111-113.

DINIZ, Mariana (2003) – O Neolítico Antigo em Portugal: investigações recentes, problemas e perspectivas. Um contributo. *Arqueologia e História*. Lisboa. 55, pp. 35-42.

DINIZ, Mariana (2004) – *O Sítio da Valada do Mato (Évora): aspectos da neolitização no Interior/Sul de Portugal*. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade de Lisboa. Policopiado.

DINIZ, Mariana (2007) – *O Sítio da Valada do Mato (Évora): aspectos da neolitização no Interior/Sul de Portugal*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. (Trabalhos de Arqueologia; 48).

- DINIZ, Mariana (2010) – O Concheiro Mesolítico das Amoreiras (S. Romão, Alcácer do Sal): um (outro) paradigma perdido? In GIBAJA, Juan F.; CARVALHO, António Faustino, eds. - *The last hunter-gatherers and the first farming communities in the south of the Iberian Peninsula and north of Morocco*. Faro: Universidade de Algarve (Promontória Monográfica;15), pp.49-62.
- DINIZ, Mariana (2013) - Fossas, fornos, silos e outros meios de produção: acerca da implantação das práticas produtivas no Neolítico antigo em Portugal. In ARNAUD, José; MARTINS, Andrea; NEVES, César, eds. - *Arqueologia em Portugal – 150 Anos*. Lisboa: AAP, pp. 319-328.
- DINIZ, Mariana; ARIAS, Pablo; TEIRA, Luis; ARAÚJO, Ana Cristina; CUBAS, Miriam; ROCHA, Leonor; CERRILLO, Enrique; VALLEJJO, Jorge; DAVIS, Simon (2015) - *Os Últimos Caçadores-Recolectores e os Primeiros Grupos Agro-Pastoris, no Vale do Sado: Estudo Arqueológico num Contexto Regional (SADO-MESO): Poças de S. Bento - Cabeço das Amoreiras (Alcácer do Sal)*: 2014. Relatório entregue à DGPC.
- DINIZ, Mariana (no prelo) - Between the Land and the Sea: debating hunter-gatherers subsistence practices and cultural landscapes in Southern Portugal Final Mesolithic. *SeaPeople 2014*. Rennes.
- FERREIRA, Ângela (2005) – *O sítio do Patalim (Montemor-o-Novo) no seu contexto Neolítico*. Dissertação de Mestrado em Pré-história e Arqueologia. Lisboa, FLUL. Policopiado.
- GAMITO, Teresa Júdice, coord. (2004) - *Actas do II Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. Faro. Universidade do Algarve. (Promontória monográfica ; 1).
- GIBAJA, Juan F.; CARVALHO, António Faustino; DINIZ, Mariana (2002) – Traceologia de peças líticas do Neolítico antigo do Centro e Sul de Portugal: primeiro ensaio. *Actas do 1º Congresso de Análisis Funcional de España y Portugal*. BAR, pp. 215- 226.
- GOMES, Mário Varela (2008) – Castelo Belinho (Algarve, Portugal) and the first Southwest Iberian Villages. In DINIZ, Mariana, ed. - *The Early Neolithic in the Iberian Peninsula. Regional and Transregional Components*. Oxford: BAR, pp. 71-78.
- GOMES, Mário Varela (2013) – Castelo Belinhos village Portimão Algarve and the sea Landscape resources and symbols. In SOARES, Joaquina, ed. - *Pré-História das Zonas Húmidas. Paisagens de Sal. Setúbal Arqueológica*, 14, MAEDS, pp. 69-84.
- GOMES, Rosa Varela; GOMES, Mário Varela; SANTOS, Manuel Farinha (1983) - O Santuário Exterior do Escoural - Sector NE (Montemor-o-Novo, Évora), *Zephyrus*, Salamanca: XXXVI (*Actas do I Colóquio Internacional sobre Arte Rupestre Esquemática da Península Ibérica*), pp. 287-307.
- GONÇALVES, Victor S. (2003) - Comer em Reguengos, no Neolítico. As estruturas de combustão da Área 3 de Xarez 12. In GONÇALVES, Victor S. ed. - *Muita gente, poucas antas? Origens, espaços e contextos do Megalitismo. Actas do II Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa (Trabalhos de Arqueologia; 25), pp. 81-99.
- GONÇALVES, Victor S.; SOUSA, Ana Catarina; MARCHAND, Grégor (2013) - *Na margem do grande rio: os últimos grupos de caçadores-recolectores e as primeiras sociedades camponesas no Guadiana médio*. Beja e Évora. EDIA e DRCALEN.
- GUILAINE, Jean (2003) - *De la vague à la tombe, La conquête néolithique de la Méditerranée (8000-2000 avant J.-C.)*. Paris : Seuil.
- GUILAINE, Jean; FERREIRA, Octávio da Veiga (1970) – Le Néolithique ancien au Portugal. *Bulletin de la Société Préhistorique Française*. Paris. 67: 1, pp. 304-322.
- HÖCK, Martin; KALB, Philine (2000) - Novas investigações em Vale de Rodrigo. In GONÇALVES, Victor, ed. – “*Muitas antas, pouca gente?*”. *Actas do I Colóquio Internacional de Megalitismo*. Lisboa: (Trabalhos de Arqueologia 16), pp.159-166.
- HODDER, Ian (1990) - *The Domestication of Europe*. Oxford: Blackwell.
- JUAN-CABANILLES, J., MARTÍ OLIVER, B. (2007-2008) - La fase c del Epipaleolítico reciente: lugar de encuentro o línea divisoria. Reflexiones en torno a la neolitización en la fachada mediterránea peninsular. *Veleia*, 24-25, pp. 611-628.
- KALB, Philine; HOCK, Martin (1995) - Vale de Rodrigo. Projecto interdisciplinar para a investigação do megalitismo numa região do sul de Portugal. In JORGE, Vítor Oliveira, coord. - *Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular*, Porto: (Trabalhos de Antropologia e Etnologia 35:2), pp. 195-210.
- LARSSON, Lars (2000) - Symbols in stone: ritual activities and petrified traditions. *Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular*, Porto: 3, ADECAP, pp. 445 – 458.
- LOPEZ-DÓRIGA, Inês; DINIZ, Mariana; ARIAS, Pablo (2015) – New Preliminary Data on the Exploitation of Plants in Mesolithic Shell Middens: The Evidence from Plant Macroremains from the Sado Valley (Poças De S. Bento And Cabeço Do Pez). In BICHO, Nuno; DETRY, Cleia; PRICE, T. Douglas; CUNHA, Eugénia, eds. - *Muge 150th: The 150th Anniversary of the Discovery of Mesolithic Shellmiddens*, 1, Cambridge Scholars Publishing, pp. 347-360.
- LOPEZ-DÓRIGA, Inês; SIMÕES, Teresa (2015). Los cultivo do Neolítico Antigo de Sintra: Lapiás das Lameiras y S. Pedro de Canaferri: resultados preliminares. In GONÇALVES, Victor; DINIZ, Mariana; SOUSA, Ana Catarina, eds. - *Actas do V Congresso Neolítico Peninsular*. Lisboa: UNIARQ: pp. 98-107.

LUBELL, D.; JACKES, M.; MEIKLEJOHN, C. (1990) – Archaeology and human biology of Mesolithic-Neolithic transition in southern Portugal: a Preliminary Report. In BONSALL, C. ed. – *The Mesolithic in Europe. III International Symposium*. Edimburg: John Donald, pp. 632-640.

LUBELL, D.; JACKES, M.; SCHWARCZ, H.; KNYF, M. e MEIKLEJOHN, C. (1994) - The Mesolithic-Neolithic transition in Portugal: isotopic and dental evidence of diet. *Journal of Archaeological Science*, 21(2), pp. 201-216.

MANHITA, Ana; MARTINS, Sérgio; COSTA, Joana; PRAZERES, Cátia; ROCHA, Leonor; DIAS, Cristina; MIRÃO, José; TEIXEIRA, Dora (2014) - A multi-analytical approach for the study of Neolithic pottery from the Great Dolmen of Zambujeiro (Évora, Portugal) – a preliminary study, *E-conservation. Journal*, 2, pp. 66-78.

MATALOTO, Rui; BOAVENTURA, Rui (2009) – Entre vivos e mortos nos IV e III milénios a.n.e. do Sul de Portugal: um balanço relativo do povoamento com base em datações pelo radiocarbono. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 12:2, p. 39-77.

MARTINS, Artur (2008) - *III Encontro de Arqueologia Peninsular – Aljustrel. Vipasca - Arqueologia e História.*, Aljustrel. 2ª série. 2. [DVD-ROM].

MARTINS, J.M.M.; CARVALHO, A.F., SOARES, A.M.M. (2008) - A calibração das datas de radiocarbono dos esqueletos humanos de Muge. *Promontoria Monográfica*. Faro, 6, pp.73-93.

MARTINS, Haidé; OMS, F. Xavier; PEREIRA, Luísa; PIKE, Alistar W. G.; ROWSELL, Keri; Zilhão, João (2015) - Radiocarbon Dating the Beginning of the Neolithic in Iberia: New Results, New Problems. *Journal of Mediterranean Archaeology*, 28.1, pp.105-131.

MONTEIRO-RODRIGUES, Sérgio (2008) – *Pensar o Neolítico Antigo*. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade do Porto. Policopiado.

NEVES, César (2010) – *Monte da Foz 1 (Benavente): um episódio da Neolitização na margem esquerda do Baixo Tejo*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Policopiado.

NEVES, César (2015) – “A cerâmica decorada com sulco abaixo do bordo do sítio neolítico do Monte da Foz 1 (Benavente, Portugal)”. In SAÉZ DE LA FUENTE, I.; TEJERIZO GARCÍA, C.; ELORZA GONZÁLEZ DE ALAIZA, L.; HERNÁNDEZ BELOQUI, B. y HERNANDO ÁLVAREZ, C., coords. - *Arqueologías sociales. Arqueología en sociedad. Actas de las VII Jornadas de Jóvenes en Investigación Arqueológica*. Vitoria-Gasteiz. *Arkeogazte*-JAS Arqueología, pp. 458-465.

NEVES, César; DINIZ, Mariana (2014) - Acerca dos cenários da acção: estratégias de implantação e exploração do espaço nos finais do 5º e na primeira metade do 4º milénio AC, no

Sul de Portugal. *Estudos do Quaternário*, 11, APEQ, Braga, pp.45-58 (disponível em: <http://www.apeq.pt/ojs/index.php/apeq/article/view/157>).

NEVES, César; RODRIGUES, Filipa; DINIZ, Mariana (2008a) – Moita do Ourives – um sítio do Neolítico médio no Baixo Tejo (Benavente, Portugal): matérias-primas e cultura material. In HERNÁNDEZ PEREZ, Mauro; SOLER DÍAZ, Jorge; LÓPEZ PADILLA, Juan, eds. - *IV Congreso del Neolítico Peninsular*. Alicante: MARQ. 2, pp. 216-221.

NEVES, César; RODRIGUES, Filipa; DINIZ, Mariana (2008b) – Neolithisation process in lower Tagus valley left bank: old perspectives and new data. In DINIZ, Mariana, ed. - *Early Neolithic in the Iberian Peninsula: Regional and Transregional Components*. Lisbon: (Bar International Series 1857), pp. 43-51.

NUKUSHINA, Diana (2015) – A presença da decoração “falsa folha de acácia” nas cerâmicas do Neolítico antigo: o caso do Abrigo Grande das Bocas (Rio Maior, Portugal). In GONÇALVES, Victor; DINIZ, Mariana; SOUSA, Ana Catarina, eds. - *Actas do V Congresso Neolítico Peninsular*. Lisboa: UNIARQ, pp. p.419-428.

OLIVEIRA, Jorge (1997) - Monumentos megalíticos da Bacia Hidrográfica do Rio Sever. *Ibn Maruan*. Lisboa. Edição Especial.

OLIVEIRA, Jorge (2011) - Monumentos megalíticos da Bacia Hidrográfica do Rio Sever. *Ibn Maruan*. Lisboa. Edição Especial. Tomos II e III.

PÉREZ MACÍAS, Juan Aurelio; ROMERO BOMBA, Eduardo, (eds.) (2010) - *IV Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*. [CD-ROM].Huelva. Universidade de Huelva.

RAMSEY, C.B. (2009) - Bayesian analysis of radiocarbon dates. *Radiocarbon*. 51(1), pp. 337-360.

REIMER, P.J; BARD, E.; BAYLISS, A.; BECK, J.W.; BLACKWELL, P.G.; RAMSEY, C.B.; BUCK, C.E.; CHENG, H.; EDWARDS, R.L.; FRIEDRICH, M.; GROOTES, P.M.; GUILDERTSON, T.P.; HAFLIDASON, H.; HAJDAS, I.; HATTÉ, C.; HEATON, T.J.; HOFFMANN, D.L.; HOGG, A.G.; HUGHEN, K.A.; KAISER, K.F.; KROMER, B.; MANNING, S.W.; NIU, M.; REIMER, R.W.; RICHARDS, D.A.; SCOTT, E.M.; SOUTHON, J.R.; STAFF, R.A.; TURNEY, C.S.M.; VAN DER PLICHT, J. (2013) - IntCal13 and Marine13 Radiocarbon Age Calibration Curves 0–50,000 Years cal BP. *Radiocarbon*. 55(4). DOI: 10.2458/azu_js_rc.55.16947.

REIS, Helena (2013) – *O Povoamento do Mesolítico Final e do Neolítico Antigo do vale do Mira, no seu contexto regional*. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Policopiado.

ROCHA, Leonor (2007) - *Relatório de escavação do sítio arqueológico da Hortinha 1 (Torre de Coelhoiros, Évora)*. Policopiado.

RODRIGUES, Filipa (2004) – *Moita do Ourives. Escavação arqueológica no PK 18+400 / 18+425 do lote D da A13*. Relatório final entregue ao Instituto Português de Arqueologia. Policopiado.

RODRIGUES, Filipa (2006) – *Moita do Ourives: um habitat do Neolítico médio do Baixo Tejo*. In BICHO, Nuno, ed. - *Do Epipaleolítico ao Calcolítico na Península Ibérica. Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular*. Faro: Universidade do Algarve. pp. 249-262. (Promontoria Monográfica; 04).

RODRIGUES, Filipa (2013) - *Ídolomania: figuras antropomórficas e “ídolos de cornos” do recinto de fossos do Neolítico final da Ponte da Azambuja 2 (Portel, Évora)* In ARNAUD, José; MARTINS, Andrea; NEVES, César, eds. - *Arqueologia em Portugal – 150 Anos*. Lisboa: AAP, pp. 435-446.

RODRIGUES, Filipa (2014) – *Skeletons in the ditch: funerary activity in ditched enclosures of Porto Torrão (Ferreira do Alentejo)*. In VALERA, António C., ed. - *Recent Prehistoric Enclosures and Funerary Practices in Europe, BAR International Series 2676*, pp.59-69.

ROFFET-SALQUE, Mélanie; BOGUCKI, Peter I.; PYZEL, Joanna; SOBKOWIAK-TABAKA, Iwona; GRYGIEL, Ryszard; SZMYT, MARZENA; EVERSLED, Richard P.(2013) - *Earliest evidence for cheese making in the sixth millennium BC in northern Europe*, *Nature*, Vol. 493, No. 7433, 24.01.2013, pp. 522-525.

SERRÃO, Eduardo da Cunha (1958) – *Cerâmica com ornatos a cores da Lapa do Fumo (Sesimbra)*. *I Congresso Nacional de Arqueologia*, Lisboa, 1, pp.337-351.

SHENNAN, Stephen; DOWNEY, Sean S.; TIMPSON, Adrian; EDINBOROUGH, Kevan; COLLEDGE, Sue; KERIG, Tim; MANNING, Katie; THOMAS, Mark G. (2013) - *Regional population collapse followed initial agriculture booms in mid-Holocene Europe*. *Nature Communications*, 4, Article number: 2486, pp. 1-8.

SILVA, Carlos Tavares da, SOARES, Joaquina (1980) – *O Neolítico da Comporta. Descobertas Arqueológicas no Sul de Portugal*. Centro de História da Universidade de Lisboa e Museu de Arqueologia e Etnografia da Assembleia Distrital de Setúbal. pp. 13-17.

SILVA, Carlos Tavares da, SOARES, Joaquina (1981) – *Pré-história da área de Sines*. Lisboa: Gabinete da Área de Sines.

SILVA, Carlos Tavares & SOARES, Joaquina (1987) – *Les communautés du Néolithique*

ancien dans le Sud du Portugal. In GUILAINE, Jean; ROUDIL, J. L.; VERNERT, J. L. dirs. - *Premières Communautés Paysannes en Méditerranée Occidentale*, Centre National de la Recherche Scientifique, Paris, pp.663-671.

SILVA, Carlos Tavares da; SOARES, Joaquina (1997) – *Economias costeiras na Pré-História do Sudoeste português. O concheiro de Montes de Baixo*. *Setúbal Arqueológica*. 11-12, Setúbal. pp. 69-108.

SILVA, Carlos Tavares da; SOARES, Joaquina (2004) – *Intervenção arqueológica no sítio neolítico do Brejo Redondo (Sines)*. *Musa, museus, arqueologia e outros patrimónios*. Setúbal, pp.83-105.

SILVA, Carlos Tavares da; SOARES, Joaquina (2014) – *O habitat do Neolítico antigo do Casal da Cerca (Palmela)*. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal: 15, pp. 61-104.

SILVA, Carlos Tavares da, SOARES, Joaquina; COELHO-SOARES, Antónia (2010) – *Arqueologia de Chãos de Sines. Novos elementos sobre o povoamento Pré-histórico*. *Actas do 2º encontro de História do Alentejo Litoral*. Sines, pp.11-34.

SILVA, Carlos Tavares da, SOARES, Joaquina; CARDOSO, João Luís; CRUZ, Carlos S.; REIS, Carlos A. S. 1989. *Neolítico da Comporta: aspectos cronológicos (Datas 14c) e paleoambientais*. In Jorge, Vítor Oliveira, coord. - *Livro de Homenagem a Jean Roche*. Porto, Instituto Nacional de Investigação Científica, pp. 330-353.

SIMÕES, Teresa (1999) – *O sítio neolítico de São Pedro de Canaferrim, Sintra. Contribuições para o estudo da Neolitização da Península de Lisboa*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. (Trabalhos de Arqueologia; 12).

SOARES, Joaquina (1995) – *Mesolítico – Neolítico na Costa Sudoeste: transformações e permanências*. *1º Congresso de Arqueologia Peninsular*, vol. VI. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia (Trabalhos de Antropologia e Etnologia;35:2), pp. 27-45.

SOARES, Joaquina (2013) - *Caçadores-recolectores semi-sedentários do Mesolítico do paleoestuário do Sado (Portugal)*. In SOARES, Joaquina, ed. - *Pré-História das Zonas Húmidas. Paisagens de Sal*. *Setúbal Arqueológica*, 14, MAEDS, pp.13-56.

SOARES, Joaquina, SILVA, Carlos Tavares da (1980) - *O Neolítico antigo na área de Sines. Descobertas Arqueológicas no Sul de Portugal*. Centro de História da Universidade de Lisboa e MAEDS. Setúbal, pp. 5-12.

SOARES, Joaquina, SILVA, Carlos Tavares da (1992) – *Para o conhecimento dos povoados de megalitismo de Reguengos*. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. IX-X, pp. 37-88.

SOARES, Joaquina; SILVA, Carlos Tavares (2004) - Alterações ambientais e povoamento na transição Mesolítico – Neolítico na Costa Sudoeste. In TAVARES, António; TAVARES, Maria José Ferro; CARDOSO, João Luís, eds. - *Evolução geohistórica do litoral português e fenómenos correlativos. Geologia, História, Arqueologia e Climatologia*. Lisboa: Universidade Aberta, pp. 397-424.

SOARES, Joaquina, SILVA, Carlos Tavares da (2013) – Economia agro-marítima na Pré-História do estuário do Sado. Novos dados sobre o Neolítico da Comporta. In SOARES, Joaquina, ed. - *Pré-História das Zonas Húmidas. Paisagens de Sal. Setúbal Arqueológica*, 14, MAEDS, pp. 145-170.

SOARES, Joaquina, SILVA, Carlos Tavares da; GONZALEZ, António (2004) – Gaio: um sítio do Neolítico antigo do Estuário do Tejo. *Actas das I Jornadas de História e Património Local*. Moita. pp. 37-59.

STRAUS, Lawrence G.; ALTUNA, J.; VIERRA, B. (1990) – The concheiro at Vidigal: a contribution to the late Mesolithic of Southern Portugal. In VANDERMEERSCH, B.; VAN PEER, P., eds. - *Contributions to the Mesolithic in Europe*. Leuven: Leuven University Press, pp. 463-474.

STRAUS, Lawrence G.; ALTUNA, J.; FORD, D.; MARAMBAT, L.; RHINE, J. S.; SCHWARCZ, J.-H. P.; VERNET, J.-L. (1992) – “Early farming in the Algarve (Southern Portugal): A preliminary view from two cave excavations near Faro”. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto, XXXII, pp 141–161.

TOMÉ, T.; Silva, A.M. and Valera, A.C. (2013): “Bioantropologia da Pré-História recente do Baixo Alentejo: dados complementares do estudo de um conjunto de séries osteológicas humanas da região de Brinches (Serpa)”, in *VI Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*: 853-875. Mérida.

UMBELINO, Cláudia (2006) - *Outros sabores do passado: as análises de oligoelementos e de isótopos estáveis na reconstrução da dieta das comunidades humanas do Mesolítico Final e do Neolítico Final-Calcolítico do território português*. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade de Coimbra. Policopiado.

URIBE, Marta Díaz-Guardamino (2004) – “As lareiras infratumulares”, In MORAN, Elena; PARREIRA, Rui, coords. - *Alcalar 7. Estudo e reabilitação de um monumento megalítico. Cadernos*, 6, Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico, pp.137-147.

VALERA, António C. (2006) – O Neolítico da desembocadura do Paleo Estuário do Tejo:

dados preliminares do Palácio dos Lumiares (Bairro Alto, Lisboa). *Era – Arqueologia, Revista de divulgação científica de estudos arqueológicos*. Dafundo, 7, pp. 86-108.

VALERA, António C.; FILIPE, Víctor (2012) - A Necrópole de Hipogeus do Neolítico final do Outeiro Alto 2 (Brinches, Serpa). *Apointamentos de Arqueologia e Património*. 8, Lisboa, NIA-ERA Arqueologia, pp. 29-41.

VALERA, António (2013): Cronologia dos Recintos de Fossos da Pré-História recente em território português. In ARNAUD, José; MARTINS, Andrea; NEVES, César, eds. - *Arqueologia em Portugal – 150 Anos*. Lisboa: AAP, pp.335-343

VALERA, António C.; SILVA, Ana Maria; CUNHA, Cláudia; EVANGELISTA, Lucy (2014) – Funerary practices and body manipulation at Neolithic and Chalcolithic Perdigões ditched enclosures (South Portugal). In VALERA, António C., ed. - *Recent Prehistoric Enclosures and Funerary Practices in Europe, BAR International Series 2676*, pp.37-57.

VALERA, António C.; SANTOS, Helena; FIGUEIREDO, Margarida; GRANJA, Raquel (2014) – Contextos funerários na periferia do Porto Torrão: Cardim 6 e Carrascal 2. In SILVA, António Carlos; REGALA, Frederico Tatá; MARTINHO, Miguel, eds. - *4º Colóquio de Arqueologia do Alqueva. O Plano de Rega (2002-2010). Memórias d’Odiva*. Évora: 2ª série, 14, pp. 83-95.

VALENTE, Maria João; CARVALHO, António Faustino (2014). Zooarchaeology in the Neolithic and Chalcolithic of Southern Portugal. *Environmental Archaeology*. 19(3), pp. 226-240.

VIERRA, B. (1995) – *Subsistence and stone tool technology: an Old World perspective*. Tempe: Arizona State University (Anthropological Research Papers; 47).

Referências on-line

Endovélico - <http://arqueologia.igespar.pt/index.php?sid=home>

